

MABEL COLLINS



PELAS PORTAS DE OURO



SEGUIDO DO DIÁRIO DE UM CHELA
E ENSINAMENTOS DO MESTRES

pensamento

MABEL COLLINS

PELAS PORTAS DE OURO

SEGUIDO DO
Diário de um Chela Hindu
E Ensinamentos do Mestre

Tradução de E. P.

EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

Estando uma vez só e escrevendo, um visitante misterioso penetrou em minha casa sem pedir licença e colocou-se a meu lado. Esqueci-me de lhe perguntar quem era, ou porque com tanta liberdade entrava, pois começou a falar-me das Portas de Ouro. A sabedoria brotava dos seus lábios e o fogo do seu: discurso produziu em mim a fé. Recolhi suas palavras; mas, aí! não posso esperar que o fogo que nelas ardia, brilhe,: de igual modo, em meu escrito.

M. C.

SUMÁRIO

<i>Pelas Portas de Ouro</i>	05
Capítulo I - A INVESTIGAÇÃO POR PRAZER	06
Capítulo II - O MISTÉRIO DOS UMBRAIS	15
Capítulo III - O ESFORÇO INICIAL	18
Capítulo IV - A SIGNIFICAÇÃO DA DOR	24
Capítulo V - O SEGREDO DA FORÇA	32
DIARIO DE UM CHELA HINDU	40
ENSINAMENTOS DO MESTRE	55

PELAS PORTAS DE OURO

Cada homem possui uma filosofia própria referente à vida, menos o verdadeiro filósofo. O mais ignorante dos aldeões concebe algo do que constitui o objeto da sua vida e tem ideias definidas quanto ao meio mais ou menos conveniente para lograr aquele objeto. O homem do mundo é frequente e inconscientemente um filósofo de primeira ordem. Possui, durante sua vida, princípios do mais claro caráter e não consente que sua posição seja destruída pelos revezes da fortuna. O homem inteligente e de imaginação possui menos certeza e amiudadamente se acha incapaz de formular suas ideias a respeito daquilo que mais profundamente interessa a natureza humana: a vida do homem. O verdadeiro filósofo é aquele que não põe objeção alguma e que admite, completamente, que o mistério da vida é inacessível ao pensamento ordinário, do mesmo modo que o verdadeiro sábio confessa sua completa ignorância a respeito dos princípios que por trás da ciência se ocultam.

Se existe algum modo de pensar, ou algum esforço da mente que permita ao homem apoderar-se dos grandes princípios que, como causas, existem na vida humana, é uma questão que nenhum pensador comum pode resolver. Contudo, o vago pressentimento de que os efeitos que percebemos são devidos a uma causa, de que existe uma ordem regulando o caos e uma sublime harmonia que penetra através da discordância, domina as ardentes almas da terra e faz que anelem pela visão do invisível, pelo conhecimento do incognoscível.

Por que ansiar e procurar aquilo que está completamente fora do alcance, enquanto os sentidos interiores permanecem adormecidos? Porque não reunir os fragmentos que temos à mão e experimentar se, por meio deles, podemos dar alguma forma aquela confusão imensa?

CAPÍTULO I

A INVESTIGAÇÃO POR PRAZER

I

Todos conhecemos aquele algo misterioso e severo, ao qual chamamos miséria, que ao homem persegue e de um modo bastante estranho, como a primeira vista parece; não o persegue vaga e incertamente, mas com pertinácia positiva e inquebrantável. Sua presença não é absolutamente contínua, pois de outro modo deixaria o homem de viver; porém sua pertinácia não cessa de modo algum. O sombrio fantasma da desesperação permanece por trás do homem, pronto para tocá-lo com seu dedo terrível, tão depressa como se tivesse sido demasiado tempo feliz. Quem deu a este horrível espectro o direito de vagar ao nosso redor desde que nascemos até que morremos? Quem lhe deu o direito de permanecer sempre à nossa porta, conservando-a entreaberta com sua mão invisível, mas não obstante horrível, pronta a entrar no momento oportuno? O maior filósofo de todos os que viveram sucumbe, afinal ante o mesmo; e unicamente é filósofo, no verdadeiro sentido da palavra, aquele que reconhece o fato de que é irresistível e sabe que, como todos os demais homens, deve sofrer cedo ou tarde. A dor e a miséria constituem uma parte da herança dos homens e aquele que julga que nada poderá fazê-lo sofrer, o que faz é revestir-se de um egoísmo frio e profundo. Esta vestidura poderá protegê-lo contra a dor; mas também o separará do prazer. Se a paz pode ser encontrada sobre a terra, ou alguma alegria existe na vida, não pode ser fechando as portas do sentimento, que nos admitem a porção mais elevada e mais vivida da nossa existência. A sensação, tal como a obtemos por intermédio do corpo físico, nos proporciona tudo aquilo que nos induz a viver daquela forma. É inconcebível que nenhum homem se quisesse dar ao trabalho de respirar, a não ser que o ato levasse consigo um sentimento de satisfação. O mesmo acontece com relação a cada uma das ações em todos os instantes da nossa vida: vivemos porque até na mesma sensação da dor existe o prazer. Sensação é o que nós desejamos. De outro modo experimentaríamos de comum acordo as águas profundas do esquecimento e extinguir-se-ia a raça humana. Se isto acontece com a vida física, o mesmo se realiza com a vida das emoções, a imaginação, a sensibilidade, com todas aquelas esquisitas e delicadas formações que, com o maravilhoso mecanismo registrador do cérebro, constituem o sutil homem interno. Para eles o prazer reside na sensação; e uma série infinita de sensações é para eles a vida. Destrua-se a sensação que faz que desejem perseverar na experiência da vida e nada se terá adiantado. Por esta razão, o homem que intenta obliterar a sensação da dor e que se propõe manter-se no mesmo estado, quando sofre como quando goza, fere a raiz da vida mesma e destrói o objeto da sua própria existência. Deve-se aplicar isto o mais completamente que nossos poderes atuais, racionais e intuitivos, nos permitam, em cada estado, até naquele do Nirvana ensinado pelos Orientais. Esta condição pode ser unicamente uma, dotada de sensações infinitamente mais sutis e esquisitas, se é, depois de tudo,

um estado e não aniquilação: e em harmonia com a experiência da vida, da qual somos, na atualidade capazes de julgar, aumento na sutileza da sensação significa vitalidade acrescentada; como, por exemplo, um homem sensível e de imaginação, sente mais por causa da infidelidade ou fidelidade, de um amigo, do que um homem de mais grosseira natureza física, por meio dos sentidos: Claro é, portanto, que o filósofo que recusa sentir, não se reserva lugar algum de refúgio; nem sequer o distante e inacessível Nirvana. Pode unicamente negar-se a si mesmo sua herança de vida que é, em outras palavras, o direito de sensação. Se prefere sacrificar tudo aquilo que faz dele um homem, deve-se contentar com uma mera indolência de consciência, o que é uma condição que, comparada à vida da ostra, é esta uma vida ativa.

Porém, nenhum homem é capaz de efetuar tal fato. Sua existência continuada prova plenamente que ele ainda deseja sensação, e a deseja tão positiva e ativamente, que o desejo deve ser concedido na vida física. Seria mais prático não se enganar a si mesmo com a falsidade do estoicismo, não tentar renunciar aquilo do qual nada o induza separar-se. Não seria uma conduta muito mais intrépida, um modo de resolver o grande enigma da existência, abraçar-se a ele, retê-lo com firmeza, e perguntar-lhe o mistério de si mesmo? Se os homens quisessem tão só deter-se e considerar as lições que o prazer e a dor lhes ensinaram, muito se poderia conjecturar daquela coisa estranha que causa estes efeitos. Mas os homens se apressam em se afastar de tudo quanto os possa conduzir ao estudo de si mesmos ou de qualquer minuciosa análise da natureza humana. Apesar de tudo, deve existir uma ciência de vida tão inteligível como qualquer dos métodos que nas escolas se empregam; a ciência é desconhecida, é verdadeira e sua existência é meramente suspeitada por um ou dois de nossos mais avançados pensadores. O desenvolvimento de uma ciência é unicamente o descobrimento daquilo que já existe; e tão mágica e inacreditável é, na atualidade, a química para o moço lavrador, como é a ciência da vida para o homem de ordinárias percepções. Apesar de tudo, pode e deve existir um iluminado que perceba o crescimento da nova ciência, do mesmo modo que os primeiros e torpes experimentadores nos trabalhos de laboratório, vêm o sistema dos conhecimentos na atualidade obtidos, desenvolvendo-se por si mesmos do seio da natureza, para o uso e benefício do homem.

II

É indubitável que muitos mais que aqueles que o fazem, recorreriam ao suicídio com o fim de se livrar do fardo da vida, se pudessem convencer-se que daquele modo se pode lograr o olvido. Porém, aquele que duvida antes de esgotar o veneno, por ter medo de mudar unicamente de modo de existência e de se encontrar sujeito a uma forma talvez mais ativa de miséria, é um homem de mais conhecimento que as almas temerárias que, de um modo selvagem, se atiram no seio do desconhecido, esperando seus favores. As águas do esquecimento são um tanto completamente diferentes das águas da morte e a raça humana não pode se extinguir pela morte, enquanto a lei do nascimento acione. O homem volta à vida física, do mesmo modo que o bebedor volta ao frasco de vinho; ele não sabe porque, sabe unicamente que deseja a sensação produzida pela vida, como o bebedor deseja a sensação pelo vinho originada. As verdadeiras águas do esquecimento existem

longe, atrás da nossa consciência, e podem unicamente ser alcançadas, deixando de existir naquela consciência, fazendo cessar o exercício da vontade, que nos enche de sentidos e de sensibilidades.

Porque não volta a criatura-homem àquela grande e silenciosa matriz, da qual veio e permanece nela em paz, orno o menino não nascido que goza da mesma antes que os impulsos da vida o tenham alcançado? Não o faz porque sua sede pelo prazer e a dor, pela alegria e a tristeza, pelo amor e a cólera lhe impedem. O homem desgraçado sustera que não tem o menor apego à vida; e, apesar disso, prova a falsidade das suas palavras, vivendo. Ninguém o obriga a viver; o galeote pode permanecer encadeado ao seu remo, porém sua vida não pode ser encadeada ao seu corpo. O soberbo mecanismo do corpo humano é tão inútil como uma máquina cujos fogos estão apagados, se a vontade de viver cessa; vontade que mantemos firme e continuamente e que nos conduz às coisas, que, de outro modo, verificá-las nos encheriam de desalento, como, por exemplo, o momento da inspiração e da expiração. Esforços hercúleos, tais como estes, suportarmos sem lamentações e, na verdade, com prazer, com tanto que possamos existir no meio de sensações inúmeras.

E mais ainda: a maior parte de nós, nos contentamos com ir para diante sem objetivo, sem desígnio, sem a menor ideia de um motivo, sem compreender que caminho é que estamos investigando. Quando, pela primeira vez, o homem reconhece esta falta absoluta de objetivo e se convence profundamente de que está trabalhando com grandes e constantes esforços e sem nenhuma ideia a respeito do fim, na direção do qual sem esforço se dirige, então desce sobre ele a miséria do século dezenove, a miséria intelectual. Encontra-se perdido, desencaminhado e para ele não há esperança. Converte-se em cético, a desilusão e o aborrecimento apoderam-se dele e faz a pergunta em aparência incontestável: se, depois de tudo, merece a pena se tomar o trabalho de respirar, perante tais resultados desconhecidos e incognoscíveis, ao parecer. Porém, são incognoscíveis semelhantes resultados? Pelo menos, para perguntar algo de menor importância, é impossível fazer uma conjectura a respeito da direção na qual nosso fim existe?

III

Esta pergunta, filha da tristeza e do aborrecimento, que nos parecem constituir uma parte essencial do espírito do século em que vivemos é de fato, uma questão que deve ter sido tratada em todas as épocas. Se com a inteligência nos dirigimos para trás, através da história, sem dúvida encontraremos que tem sido feita sempre quando a flor da civilização se tinha aberto completamente e quando suas pétalas com dificuldade se mantinham unidas. A porção natural do homem tem alcançado então sua maior altura; tem levado rodando a pedra até o cimo do monte da dificuldade, só para contemplá-la a rodar novamente para baixo, logo que tem alcançado o cume, como no Egito, em Roma, na Grécia. Porque este trabalho inútil? Não é suficiente para produzir um desalento e um mau estar impossíveis de descrever, estar levando a cabo um trabalho, só para vê-lo destruído? Depois de tudo, isto é o que o homem tem feito através de toda a história, o mais longe que nossos limitados conhecimentos podem alcançar? Um cimo existe ao qual chega por meio de imensos e coletivos esforços, e no qual resplandece a mais brilhante florescência

de todas as qualidades intelectuais, mentais e materiais de sua natureza. O cúmulo da perfeição sensual é alcançado. E então sua energia se debilita, seu poder diminui e desce através do desalento e da saciedade até a grosseria. Porque não permanece no cume da montanha à qual chegou e olhando os longínquos montes não resolve escalar suas maiores alturas? Porque é ignorante e vendo um grande resplendor à distância, baixa os olhos deslumbrados, e volta atrás para continuar na sombria encosta da sua montanha familiar. Todavia, existiu e existe alguém suficientemente decidido para olhar, sem baixar os olhos e para decifrar alguma coisa do que nele mesmo se oculta. Poetas e filósofos, pensadores e mestres, todos aqueles que são os "irmãos maiores da raça"; têm gozado desta vista de tempos a tempos e alguns deles têm reconhecido, no resplendor confuso, o contorno das Portas de Ouro.

Estas portas nos admitem ao santuário da mesma natureza do homem, ao lugar de onde sua vida poder procede e onde ele é sacerdote do santuário da vida. Que é possível entrar, que é possível passar através destas portas um ou dois, nos têm demonstrado. Platão, Shakespeare e uns poucos mais de fortes, têm passado por elas e em enigmática linguagem nos têm falado das proximidades das mesmas. Quando o homem forte cruzou o limiar, já não se diz nada mais aos que do outro lado permanecem. E até as palavras que pronuncia, quando ainda por elas não passou, estão cheias de mistério, que unicamente os que seguem seus passos podem ver brilhar a luz nas mesmas.

IV

O que os homens desejam é saber como mudar a dor pelo prazer; ou, por outras palavras, encontrar por meio de que procedimento pode regular-se a consciência, com o fim de que a sensação mais agradável, seja e que se experimente. Se é possível descobrir-se isto para o esforço do pensamento humano, é pelo menos uma questão digna de se ter em conta:

Se a mente do homem permanece fixa sobre algum assunto determinado com a concentração suficiente, obtém a iluminação com relação ao mesmo, mais cedo ou mais tarde. O indivíduo em quem a iluminação final aparece, é chamado um gênio, um inventor, um inspirado. Porém ele é unicamente a síntese de uma grande obra mental verificada em seu redor por homens desconhecidos, dos quais alguns estão separados dele por grandes distâncias; sem eles houvera carecido do material necessário para sua empresa. Do mesmo modo o poeta precisa o alimento de inumeráveis poetastros.

Ele é a essência do poder poético do seu tempo e dos tempos anteriores a ele. É impossível separar um indivíduo, de qualquer espécie, dos seus congêneres.

Portanto, se em vez de aceitar o desconhecido como incognoscível, os homens, *de comum acordo*, a ele dirigissem seus pensamentos, estas *Portas de Ouro* não permaneceriam tão inexoravelmente fechadas. Só se necessita de uma mão forte para empurrá-las e abri-las. A coragem para entrar nelas é a mesma que se necessita para penetrar no mais secreto da nossa própria natureza, sem medo nem vacilação. Na mais delicada porção, a essência, o perfume do homem, se encontra a chave com a qual estas grandes portas se abrem. E uma vez abertas, o que é que ali se encontra? Vozes existem aqui e ali, que, no meio do grande silêncio dos séculos, a esta pergunta respondem; todos

os que por elas passaram têm deixado atrás de si palavras à maneira de legados para os que são como eles. Nestas palavras podemos encontrar definidas algumas indicações referentes daquilo que se vê mais além das portas. Porém, unicamente aqueles que desejam empreender este caminho podem ler o significado oculto que por trás das palavras se escondem. Os sábios, ou melhor, os comentadores, leem os livros sagrados de diferentes nações, os de poesia e de filosofia, devido a encumradas inteligências e neles unicamente encontram mero materialismo. A imaginação, glorificando as lendas da natureza, ou exagerando as possibilidades físicas do homem, lhes explica tudo quanto eles encontram na bíblia da humanidade.

Tudo quanto existe nas palavras destes livros, existe em cada um de nós e é impossível encontrar, tanto na literatura, como em qualquer das direções em que a inteligência se lance, o que não existe no homem que estuda. Isto é, sem dúvida, um feito evidente conhecido por todos os verdadeiros estudantes. Mas tem que ser especialmente recordado, com referência a este assunto obscuro e profundo, desde o momento em que com tanta facilidade acreditam os homens que nada para os demais pode existir, ali onde encontram eles o vazio unicamente.

Uma coisa logo percebe o homem que lê. Todos os que se adiantarem, não têm achado que as Portas de Ouro conduzam ao esquecimento. Ao contrário, logo que o limiar das mesmas se cruzou, pela primeira vez, a sensação é real. Mas pertence a uma nova ordem, a uma ordem desconhecida para nós na atualidade e que não podemos apreciar sem que, pelo menos, possuamos alguma indicação a respeito do seu caráter. Esta indicação pode indubitavelmente ser obtida por qualquer estudante que se familiarize com toda a literatura que para nós é acessível. Os livros e manuscritos místicos existem, mas permanecem inacessíveis, simplesmente porque não existe homem algum em disposição de ler a primeira página de qualquer deles, que não se convença como aqueles que têm estudado o assunto suficientemente. Deve existir uma linha contínua através destes conhecimentos; vemos nós passar da mais densa ignorância à sabedoria; é natural, unicamente, que possamos obter o conhecimento intuitivo e a inspiração. Possuímos alguns raros fragmentos destes grandes dons do homem; onde, pois, está o todo do qual devem eles constituir uma parte? Escondido atrás do sutil e, ao parecer, infranqueável véu, que o oculta de nós, como oculta toda a ciência, toda arte, todos os poderes do homem, até que este tem a coragem suficiente para rasgá-lo. Esta coragem procede unicamente da convicção. Uma vez que um homem crê que aquilo que deseja existe, tratará de obtê-lo a todo custo. A dificuldade neste caso estriba-se na incredulidade do homem. É necessário muito tempo e grande concentração do pensamento, para se poder lançar na direção da região desconhecida da natureza do homem, com o objeto de que as portas se possam abrir e ser suas gloriosas perspectivas exploradas.

Que merece a pena fazer-se isto, aconteça o que acontecer, tudo deve conduzi-lo a crer ao que fez a triste pergunta do século corrente... É a vida digna de ser vivida? Certamente é o suficiente para incitar o homem a um novo esforço, a suspeita de que mais além da civilização, mais além da cultura mental, mais além da arte e da perfeição mecânica, existe alguma coisa de novo, outro vestibulo que nos admite às realidades da vida.

Quando parece que o fim foi alcançado, o desígnio logrado e que o homem não tem já nada mais que fazer, então justamente, quando parece que o melhor para ele é comer, beber e viver à larga como as bestas e sumido no mortal ceticismo, então, de fato, se olhar quisesse tão só, as Portas de Ouro que ante ele estão. Com a cultura do século em seu interior e tendo perfeitamente assimilado que ele é uma encarnação da mesma, então está em disposição de intentar o grande passo que, apesar de ser absolutamente possível, é intentado por tão poucos, mesmo entre aqueles que podem fazê-lo. É intentado tão raras vezes, em parte devido às profundas dificuldades que o rodeiam, mas muito mais influi no mesmo, não se convencer o homem de que esta é a direção, na atualidade, na qual a satisfação e o prazer têm que ser obtidos.

Cada indivíduo se sente atraído por certos prazeres; cada um dos homens conhece que numa ou noutra espécie de sensação encontra suas maiores delícias. E, naturalmente, durante sua vida, a ela de um modo sistemático se dirige, não de outra maneira, o girassol na direção do sol se volta e o lírio sobre a água se inclina. Porém, está lutando continuamente com o fato terrível que oprime sua alma, ou seja que tão depressa como obteve seu prazer, o perde, e uma vez mais tem que andar em sua busca. Mais do que isto jamais na atualidade alcança, porque no momento final lhe escapa. Acontece-lhe isto, porque procura colher o que é impalpável e satisfazer a sede da sua alma com a sensação, por intermédio do contato dos objetos externos. Como pode o que é exterior satisfazer, ou tão somente agradar, ao homem interno, que é o que reina no interior e que não tem olhos para a matéria, nem mãos para tocar os objetos, nem sentidos com os quais se informar do que fora das suas mágicas paredes existe? Aquelas encantadas barreiras que o rodeiam carecem de limites, porque está em todas as partes; deve ser descoberto em todas as coisas viventes e não se pode conceber sem ele nenhuma parte do universo, se este é considerado como um todo coerente. Se desde o começo não se concede o anterior, é completamente inútil considerar a questão da vida. Na verdade, a vida precisa de significação, a menos de ser universal e coerente e a menos que sustentemos nossa existência devido ao fato de que somos uma parte daquilo que é; não pela razão da nossa própria existência.

Este é um dos mais importantes fatores no desenvolvimento do homem, o reconhecer o profundo e completo reconhecimento da lei de universal, unidade e coerência. A separação que existe entre os indivíduos, entre os mundos, entre os diversos polos do universo e da fantasia mental e física chamada espaço, é um pesadelo da imaginação humana. Que os pesadelos existem e que existem só para atormentar, não há criança que não o saiba e o que necessitamos é a faculdade de distinguir entre a fantasmagoria do cérebro que a nós unicamente concerne e a fantasmagoria da vida diária na qual outros também estão interessados! Esta regra se aplica também ao caso mais amplo. A ninguém importa mais que a nós mesmos que vivamos no meio de um pesadelo de horror ilusório e que nos imaginemos só no universo e capazes de ação independente, durante tão longo tempo, como nossos associados são só aqueles que constituem uma parte do sonho. Mas quando

desejamos falar com aqueles que chegaram às Portas de Ouro e, empurrando-as, as abriram, é então inteiramente necessário, de fato é essencial, distinguir e não levar à nossa vida as confusões do nosso sonho. Se isto fazemos, somos considerados loucos e nos aprofundamos nas trevas onde não existe outro amigo que o caos. Este caos tem vindo em continuação de cada um dos esforços do homem que a história registra; depois que a civilização reinou, a flor cai e morre, o inverno e a obscuridade a destroem. Enquanto o homem recusa fazer o esforço de distinção que lhe permitiria distinguir entre as formas noturnas e as ativas figuras do dia, deve isto acontecer inevitavelmente.

Mas se o homem tem a coragem para resistir a esta tendência reacionária e permanecendo firme na altura à qual chegou, adianta seu pé para dar outro passo, porque não há de poder encontrar o que busca? Nada existe que nos dê motivos para supor que a senda termina em um certo ponto, exceto a tradição que assim o tem dito e que os homens tem aceitado e abraçado como uma justificação para sua indolência.

A indolência é, de fato, a maldição do homem. Assim como o lavrador irlandês e o cigano cosmopolita vivem na pobreza e na miséria por causa da sua completa ociosidade, do mesmo modo o homem do mundo vive contente pela mesma razão, no meio dos prazeres sensuais. Beber vinhos delicados, comer manjares esquisitos, o amor de cores e de sons brilhantes, de formosas mulheres e de magníficos objetos em seu redor, tudo isto, para o homem cultivado, nem tem mais importância nem é mais satisfatório como motivo final de gozo, do que são as grosserias, diversões e prazeres do moço de lavoura, para o homem não cultivado.

Não pode existir o ponto final, porque a vida em cada uma de suas formas é só uma vasta série de delicadas graduações e o homem que decide permanecer imóvel no ponto de cultura que alcançou e confessa que não pode ir mais longe, faz simplesmente uma arbitrária afirmação para desculpar sua indolência.

Existe, sem dúvida, a possibilidade de declarar que o cigano vive contente no meio da sua pobreza e sujidade e que, portanto, é tão grande homem como o mais perfeitamente cultivado. Para ele unicamente é assim enquanto permanece na ignorância; no momento em que a luz penetra na obscura inteligência, o homem se volta a ela inteiramente. Assim acontece na mais elevada plataforma, porém a dificuldade de penetrar na mente, de admitir a luz, é muito maior. O lavrador irlandês ama sua aguardente e, enquanto possa tê-la, para nada se preocupar das grandes leis de moralidade e de religião, que se supõe governam a humanidade e induzem os homens a viver com temperança. O gastrônomo culto se ocupa unicamente de sabores sutis e de esquisitos perfumes; porém, está tão cego com o simples rústico a respeito do fato de que existe algo mais além de semelhantes gratificações. A maneira do lavrador, permanece enganado por um espelhismo que oprime sua alma e imagina que, uma vez obtido um prazer sensual no qual se deleita, pode obter a satisfação suprema, graças a uma interminável repetição, com o que, por fim é presa por demência. O *bouquet* de vinho que o deleita, penetra em sua alma e a envenena, não lhe deixa outros pensamentos além dos sensuais e se encontra na mesma situação desesperada do homem que morre louco devido a embriaguez. Que benefício obteve o bebedor, da sua demência? Nenhum; a dor devorou, por fim, completamente o prazer e a morte avança para terminar

a agonia. O homem sofre o castigo final por sua persistente ignorância de uma lei da natureza: tão inexorável como aquela da gravitação; uma lei que proíbe ao homem permanecer imóvel. Nem sequer duas vezes a mesma taça de prazer se pode saborear; a segunda vez deve conter ou um grão de veneno ou uma gota do elixir da vida.

O mesmo argumento conserva sua força quanto aos prazeres intelectuais; a mesma lei opera. Vemos homens que, quanto à inteligência, são a flor da sua época, que estão muito mais longe que seus irmãos, que a maneira de torres sobressaem entre eles, são arrastados enfim pela roda fatal, girar sobre a mesma, à maneira de manivelas, cedendo à indolência inata da alma e começando a se enganar a si mesmos com a quimera da repetição. Então vem a debilidade e a falta de vida, aquele estado infeliz e enganoso no qual, com demasiada frequência, grandes homens entram, justamente quando a metade da sua vida transcorreu. O fogo da juventude, o vigor da inteligência jovem, vence a inércia interna e faz que o homem escale alturas de pensamento e encha seus pulmões mentais com o ar livre das montanhas. Mas então, afinal, a reação física dele se apodera; o mecanismo físico do cérebro perde seus ímpetus poderosos e começam seus esforços a se debilitarem, simplesmente porque a juventude do corpo tem um fim. Então é o homem assaltado pelo grande tentador da raça que sempre em vigia permanece junto à escada da vida, pronto a lançar-se sobre aqueles que a tais alturas chegam. Verte a envenenada gota em seu ouvido e desde aquele momento a consciência toda se converte em estupidez e fica o homem aterrorizado, receando que para ele a vida vai perdendo suas possibilidades. Lança-se então atrás, a um campo de experiência familiar e ali encontra alívio tocando a bem conhecida corda a paixão ou emoção. E muitos, por desgraça, tendo feito isto, dilatam assustados ao lançar-se ao desconhecido e se contentam com fazer soar continuamente aquela corda que com mais facilidade responde. Graças a isto, conservam a certeza de que a vida ainda arde no seu interior. Mas, por fim, seu destino é o mesmo do gastrônomo e do bebedor:

O poder do feitiço vai sendo menor de dia para dia, à medida que o mecanismo sensitivo vai perdendo sua vitalidade; e pretende o homem ressuscitar o fervor e excitação antigos, fazendo com mais violência soar a nota, abraçando-se mais estreitamente àquilo que lhe faz sentir, esgotando até o fel a taça envenenada. Então está perdido: a loucura se apodera da sua alma, do mesmo modo que faz presa do corpo do borracho. A vida não tem já, para ele, significação alguma e ferozmente se lança nos abismos da demência intelectual. O menos importante dos homens que cometa esta grande loucura, arrasta os espíritos dos demais por uma triste adesão a um familiar pensamento, por um abraço persistente à roda do moinho que afirma ele ser o objetivo final. A nuvem que o rodeia é tão fatal como a própria morte e os homens que uma vez se prostraram a seus pés, se afastam dele pesarosos e têm que olhar atrás, ter presentes suas primitivas palavras se querem recordar sua grandeza.

VII

Qual é o remédio para esta miséria e para este consumo de esforços? Existe algum? Com certeza a vida possui uma lógica em si mesma e uma lei que faz a existência possível. De outro modo o caos e a loucura constituiriam o único estado a que se poderia chegar.

Quando um homem pela primeira vez bebe sua taça de prazer, sua alma fica cheia de indescritível gozo, que causa uma sensação primeira e nova. A gota de veneno que verte na segunda taça, se persiste naquela loucura, é dobrada e triplicada, até que, por fim, a taça inteira é veneno, o qual é o ignorante desejo de repetição e intensificação. Isto evidentemente significa morte, segundo da analogia se deduz. O menino se converte em homem; não pode reter sua infância e repetir e aumentar os prazeres da mesma, a menos de pagar o preço inevitável e de se converter num idiota. A planta crava suas raízes na terra e lança no ar suas verdes folhas; floresce depois e frutifica. A planta que unicamente lança raízes e folhas, detendo-se com persistência no seu desenvolvimento, é considerada pelo jardineiro como uma coisa inútil, e deve ser arrancada.

O homem que escolhe o caminho do esforço e recusa ceder ao sonho da indolência, permitindo que esta endureça sua alma, encontra nos seus prazeres um novo e mais delicado gozo, cada vez que os experimenta; uma certa coisa sutil e indefinível que se levanta cada vez mais daquele estado em que a mera sensualidade domina; esta ciência sutil, é aquele elixir da vida que faz o homem imortal. Aquele que o experimenta e não quer beber a menos de que a taça o contenha, encontra a vida mais ampla e o mundo cresce ante os seus olhos ardentes. Reconhece a alma na mulher à qual ama e a paixão se converte em paz; ele vê no interior do seu pensamento as mais delicadas qualidades da verdade espiritual, a qual está fora da ação do nosso mecanismo mental e então, em vez de entrar no redemoinho confuso dos intelectualismos, permanece sobre o dorso vasto da águia da intuição e se deixa ficar no ar sutil, onde os grandes poetas sua intuição encontram. Ele vê no seu próprio poder de sensação, de prazer no ar fresco e na luz do sol, na comida e no vinho, no movimento e no repouso, as possibilidades do homem etéreo, daquilo que não morre nem com o corpo nem com o cérebro. Nos prazeres que a arte proporciona, na música, na luz, na beleza; nestas formas que os homens repetem até que só encontram as formas, vê ele a glória das Portas de Ouro e passa através das mesmas para encontrar a vida nova, que atrás delas existe e que embriaga e fortalece, do mesmo modo que o ar puro da montanha fortalece e embriaga, graças ao seu vigor. Mas se foi vertendo, gota a gota e cada vez mais, o elixir da vida em sua taça, é já suficientemente forte para respirar este ar intenso, para viver nele. Então, seja que morra, seja que viva na forma física, do mesmo modo avança e com novos e mais delicados gozos se encontra, experiências mais satisfatórias e perfeitas se lhe apresentam a cada golfada deste ar puríssimo que aspira.

CAPÍTULO II

O MISTÉRIO DOS UMBRAIS

I

Não sabe a menor dúvida de que, ao entrar numa nova fase da vida, alguma coisa deve se abandonar. Logo que a criança se faz homem, deixa as coisas próprias da infância. São Paulo dá exemplos nestas palavras, assim como em muitas outras que nos tem deixado, de que tinha ele provado o elixir da vida e que estava no caminho das Portas de Ouro. A cada gota do licor divino que na taça do prazer se verte, alguma coisa é lançada fora daquela, para fazer lugar à gota mágica. Porque a natureza é pródiga para com seus filhos e a taça do homem está sempre cheia até as bordas. E para fazê-lo de um modo inflexível, deve o homem ser seu próprio mestre, deve reconhecer que sempre tocante à sabedoria nada possui, deve estar pronto a praticar qualquer classe de austeridades e empregar contra si mesmo sua vara de abedul, com o objeto de alcançar a meta. É evidente para qualquer pessoa que seriamente considere o assunto, que unicamente um homem que em si mesmo possua os poderes do voluptuoso e do estoico, tem alguma probabilidade de entrar nas Portas de Ouro. Deve ser capaz de experimentar e apreciar com a sua mais delicada fração, cada um dos prazeres que pode proporcionar a existência; e ao mesmo tempo poder negar a si mesmo toda classe de gozos, sem que a denegação lhe cause sofrimento algum. Logo que verificou o desenvolvimento desta dupla possibilidade então está em disposição de verificar uma separação em seus prazeres e de lançar fora da sua consciência todos os que em absoluto ao homem de barro pertencem. Uma vez excluídos todos estes, ali e imediatamente vêm os mais refinados gozos que se devem experimentar. A participação dos mesmos que permitirá ao homem encontrar a essência da vida, não é o método que o filósofo estoico emprega. Não consente o estoico que no prazer exista a alegria e negando-se a si mesmo um, perde a outra. Mas o verdadeiro filósofo que por si mesmo estudou a vida, sem estar limitado por nenhum sistema de pensamento, vê que por baixo da casca existe a amêndoa e que em vez de esmagar completamente a noz, como o homem grosseiro que com indiferença vai comê-la, obtém a essência da coisa, rompendo a casca e arremessando-a. A toda emoção, a toda sensação pode-se aplicar este processo; de outro modo não constituiria uma parte do desenvolvimento do homem essencial da sua natureza. Porque ali, diante dele, estão o poder, a vida, a perfeição e o que em cada porção do seu itinerário, na direção daquele lugar, existam todos os meios que o podem ajudar a alcançá-lo, pode unicamente ser negado por todos aqueles que recusam reconhecer na vida uma coisa distinta da matéria. Sua posição mental é tão absolutamente arbitrária, que é inútil atacá-la ou combatê-la. Através de todos os tempos, o visível tem sido oprimido pelo invisível e o imaterial tem dominado o material: através de todos os tempos, os signos e manifestações daquilo que mais além da matéria existe, têm sido esperados pelos homens materiais para comprová-los e pesá-los. A respeito de todos aqueles que arbitrariamente têm escolhido a imobilidade, não há que fazer senão deixá-los tranquilos, dando voltas à roda a maneira de manivelas e acreditando que nisto consiste a maior

atividade da existência.

II

Não existe a menor dúvida sobre o fato de que um homem deve educar-se por si mesmo a perceber aquilo que mais além da matéria existe, do mesmo modo que por si mesmo deve aprender a considerar sobre o que a matéria constitui. Não há quem não saiba que a prematura vida de uma criança é um largo processo de adaptação, é uma larga aprendizagem para compreender o uso dos sentidos a respeito das suas aptidões especiais, é uma larga prática para o exercício dos órgãos difíceis, complexos e imperfeitos com referência completa à perfeição no mundo da matéria. Na criança obra um desejo ardente e com decisão deve trabalhar se é que quer viver. Algumas crianças nascidas no meio da luz da terra, a rechaçam e se negam a empreender a tarefa imensa que ante eles se apresenta e que deve ser levada a cabo se há de ser possível a vida na matéria. Estes voltam atrás para as filas dos não nascidos; vemo-los abandonar seu múltiplo instrumento, o corpo, e sucumbir ao sono. Assim acontece com a multidão imensa de seres humanos, uma vez que triunfaram, conquistaram e gozaram no mundo da matéria. Os indivíduos daquela multidão, que parecem tão poderosos e confiados em suas faculdades familiares, são crianças na presença do universo imaterial. E nos outros os vemos, em todas as partes, todos os dias, a toda hora, recusando entrar naquele, submergindo-se entre as filas daqueles que na vida física permanecem, aferrando-se à consciência que têm experimentado e compreendido. O intelectual desprezo de todo conhecimento puramente espiritual e o sinal mais notável desta indolência, da qual pensadores de todas as classes são certamente culpáveis.

Que o esforço inicial é muito penoso, é evidente e é na verdade tanto uma questão de força como de atividade volitiva. Porém não existe outro procedimento para adquirir esta força, ou para fazer uso dela, uma vez adquirida, que o exercício da vontade. É em vão esperar nascer gozando de grandes faculdades. No reino da vida, não existe outra herança que aquela do próprio passado do homem. Ele tem que acumular tudo que aquele constitui. Isto é evidente para qualquer observador da vida que faz uso dos seus olhos sem cegá-los com preocupações e até quando a preocupação existe, é impossível para o homem de sentido comum não se aperceber do fato. Ao anterior é que devemos a doutrina do castigo e da salvação, ou bem estendendo-se através de épocas intermináveis depois da morte, ou eternidade. Esta doutrina é uma mesquinha e pouco inteligente maneira de estabelecer o fato da natureza, de que aquilo que o homem semeia é o que colhe. A grande inteligência de Swedenborg viu o fato tão claramente que o oprimiu com um resultado final em harmonia com esta fase de existência: suas ideias preconcebidas o impossibilitavam de perceber a possibilidade de nova ação, ali onde o mundo dos sentidos já não existem para a ação material. Era ele demasiado dogmático para a observação científica e não via que assim como a primavera segue o outono e ao dia a noite, do mesmo modo depois do nascimento deve vir a morte. Ele chegou muito perto do umbral das Portas de Ouro e passou pelas mesmas, graças a um mero esforço intelectual, mas só para se deter um passo mais além. O relâmpago de vida que ali obteve pareceu-lhe conter o

universo; e com a ajuda deste fragmento de experiência, edificou uma teoria para incluir a vida toda e negou o progresso mais além daquele estado, ou qualquer possibilidade fora do mesmo. Isto é unicamente outra forma da enfadonha roda do moinho. Mas Swedenborg permanece o primeiro daquela multidão de atestados, do fato de que as Portas de Ouro existem, e podem das altas regiões do pensamento ser percebidas e nos lançou uma débil onda de sensação dos seus umbrais.

III

Uma vez que se considerou a significação destas portas e é evidente ser o único caminho que existe para escapar desta forma de existência, se passa através das mesmas. Elas podem somente admitir o homem àquele lugar no qual se converte no fruto cuja flor é a natureza humana. A natureza é a mais bondosa das mães para todos aqueles que reclamam seu auxílio; nunca causa pesares a seus filhos, ou deseja que o número dos mesmos diminua. Amigavelmente abre seus braços ao imenso tropel dos que desejam nascimento e viver na forma; e à medida que continuam desejando-o, uma bem-vinda sorridente lhes outorga. Porque, pois, a alguns lhes fecha ela suas portas? Quando uma vida no seu seio não consumiu a centésima parte dos desejos da alma pela sensação, tal como aqui a encontra, que razão pode existir para sua partida a algum outro lugar? Com toda certeza, brotam a mentes do desejo ali onde o semeador as semeou. Isto, à primeira vista, é o único razoável; e neste fato, em aparência evidente, por si mesmo, a inteligência Hindu fundou sua teoria da reencarnação, ou nascimento e renascimento na matéria, o qual chegou a ser tão familiar para um aparte do pensamento Oriental, que já não necessita demonstração. O Hindu o sabe, do mesmo modo que o Ocidental sabe que o dia no qual vive, é só um dos muitos que constituem a momentânea vida do homem. Esta certeza que o Oriental possui a respeito das leis naturais que regem o grande giro da existência da alma, é simplesmente adquirida por hábitos do pensamento. A mente de muitos está fixa em matérias que no Ocidente se consideram como impensáveis. Por esta razão, o Oriente tem produzido as grandes flores do desenvolvimento espiritual da humanidade; seguindo as pegadas mentais de um milhão de homens, Buda passou pelas Portas de Ouro e, graças à grande multidão que em torno de seus umbrais redemoinhava, pode, atrás de si, deixar palavras que provam que aquelas portas se abrem.

CAPÍTULO III O ESFORÇO INICIAL

I

Muito facilmente se vê que nem um ponto existe em uma vida ou experiência de homem, no qual sua alma esteja mais próxima a certas coisas que desde qualquer outro. A alma, aquela sublime ciência que enche o ar com seu deslumbrante resplendor, está ali, atrás das portas às quais ilumina. Mas que para se dirigir a elas não existe nenhuma senda determinada, se deduz imediatamente do fato de que esta alma, por sua mesma natureza, deve ser universal. As Portas de Ouro não admitem nenhum sítio particular; o que fazem é abrir-se para dar saída a um lugar determinado. O homem passa por elas quando se desprende de sua limitação. Pode romper a casca que o mantém na obscuridade rasgar o véu que lhe oculta o que é eterno, em qualquer ocasião em que mais fácil lhe seja verificá-lo. E com muita freqüência esta ocasião encontrará onde menos espere. Os homens vão em busca da maneira de escapar com o auxílio da sua inteligência e de derribar as leis arbitrárias e limitadas; e procuram lograr aquilo que para eles é inacessível. Muitos, na verdade, têm esperado passar por elas por meio da religião e, ao em vez, originaram uma condição de pensamento e sentimento tão marcados e fixos, que, segundo parece, largos séculos seriam insuficientes para fazê-los sair do seu caminho. Alguns têm julgado que por meio da inteligência pura podia encontrar-se o caminho; e a tais homens devemos a filosofia e a metafísica que têm salvado a raça de submergir-se na sensualidade mais completa. Mas o que logra o homem que pretende viver, unicamente pelo pensamento, é habitar na região das fantasias, que insiste em dar aos demais homens como alimento substancioso. Grande é nossa dívida para com os metafísicos e os transcendentalistas; mas aquele que os seguem até o doloroso fim, esquecendo que o cérebro é unicamente um órgão de uso, se encontrará num lugar onde uma triste roda e argumentos parece girar para sempre sobre seu eixo, sem ir a nenhuma parte nem arrastar nenhum peso.

A virtude (ou aquilo que a cada homem parece que é virtude seu próprio e especial modelo de pureza e moralidade), sustentam todos quantos a praticam que é um caminho para chegar ao céu. Talvez é assim, a respeito do sibarita moderno, do ético voluptuoso. É tão fácil converter-se num sibarita, quanto ao que à pureza de vida ou aos elevados pensamentos se refere, como a respeito dos prazeres do gosto, da vista ou do ouvido. A satisfação é o objetivo, tanto do homem virtuoso como do intemperante: embora sua vida seja um milagre de abstinência e de abnegação, basta pensar um momento para ver que, ao empreender esta senda aparentemente heroica, só vai em busca do prazer. Com ele, toma o prazer um formoso aspecto, porque todas as suas satisfações têm um doce sabor e se compraz em fazer gozar os outros, melhor que o faça ele mesmo a suas expensas. Porém nem a vida pura nem os pensamentos elevados são, em si mesmos, objetivos finais como também não o é nenhum outro modo de prazer; e o homem que pretende nele encontrar contentamento, deve multiplicar seus esforços e repeti-los continuamente; tudo é em vão. É uma verde planta certamente e suas folhas são belas; mas é preciso algo mais que folhas.

Se cegamente persiste em seu empenho, julgando que logrou seu objetivo, quando nem sequer o percebeu, se encontra então naquele triste lugar no qual o bem é feito à força e onde as ações virtuosas carecem daquele amor que deve brilhar em torno das mesmas.

Bom é que um homem leve uma vida pura, como é bom também que leve as mãos limpas; pois do contrário repugna. Mas a virtude tal como na atualidade a compreendemos, não pode ter nenhuma relação que se refira mais especialmente à vida futura, acerca da qual nossa compreensão é limitada, que a qualquer outro dos elementos que nos constituem. O espírito não é um gás criado pela matéria e não podemos nós outros cultivar nosso futuro, empregando forçosamente um agente material e abandonar o restante. O espírito é a grande vida na qual a matéria permanece: não de outra maneira o pétreo mundo existe no seio do livre e fluídico éter; sempre que rompemos nossas limitações, nos encontramos naquela margem maravilhosa onde uma vez viu Wordsworth o resplendor do ouro. Quando entramos ali, todo o resente deve desaparecer igualmente: a virtude e o vício, o pensamento e a sensação. Que um homem colhe o que semeou, deve certamente ser verdade também; não tem poder algum para levar consigo a virtude, que à vida material pertence; o aroma de suas boas ações é um sacrifício ainda muito mais doce do que o cheiro do crime e da crueldade. Como quer que seja, pode acontecer ainda que, graças à prática da virtude, se encadeie por si mesmo numa caverna, numa imutável maneira de viver na matéria; tão firmemente que seja impossível para a inteligência conceber que a morte é um poder suficiente para libertá-lo e lançá-lo naquele amplo e glorioso oceano, um poder suficiente para permitir-lhe levantar a inexorável e pesada aldrava da Porta de Ouro. E, algumas vezes, o homem que pecou tão gravemente, cuja natureza está por completo contaminada e enegrecida pelo fogo feroz da satisfação egoísta, está, afinal, tão completamente consumido e carbonizado, que, do vigor mesmo da paixão, brota a luz. Mais probabilidades teria, depois de tudo, um homem semelhante de alcançar o umbral das Portas, que o mero asceta ou filósofo.

Mas de pouco serve chegar aos umbrais das Portas sem poder passar por elas. E aquilo é tudo quanto o pecador pode esperar, graças à dissolução de si mesmo, devido à contemplação de sua própria alma. Ao menos, isto parece ser assim, inevitavelmente, por causa da sua condição negativa. O homem que levanta a aldrava da Porta de Ouro, deve fazê-lo com sua própria e forte mão: deve ser absolutamente positivo. Podemos ver isto por analogia. Em cada uma das coisas da vida, em cada novo passo ou desenvolvimento, é necessário que o homem ponha em jogo sua vontade mais dominante, com o objeto de obter exatamente o que deseja. Na verdade, em muitas ocasiões, embora possua todas as vantagens e embora faça uso da sua vontade até um certo grau, fracassará completamente na obtenção do que pretende, por falta da resolução final e inquebrantável. Nenhum sistema de educação no mundo fará de um homem uma glória intelectual para sua época, embora seus poderes sejam grandes. Porque, a menos que positivamente deseje alcançar o cúmulo da perfeição, será unicamente um estéril erudito, um fabricante da palavra, uma maravilha em pensamentos mecânicos e uma mera máquina de memória. E o homem que em si mesmo possui esta qualidade positiva, se levantará a despeito das circunstâncias adversas, reconhecerá e se lançará sobre a corrente de ideias, que constituem seu natural alimento e permanecerá, por fim, à maneira de um gigante no lugar no qual quis chegar. Isto vemos nós praticamente em todas as fases da vida. Pelo que não parece possível que o

homem que simplesmente prevaleceu contra as paixões, perdendo a parte dogmática e miserável da sua natureza, possa passar através destas grandes Portas.

Mas como nem a preocupação o cega, nem se aderiu por si mesmo a nenhum redemoinho de pensamento, nem introduziu a roda de sua alma em nenhum sulco profundo de vida, parece que se alguma vez a vontade positiva pudesse nascer nele, poderia nalgum tempo não distante para se descoroçar, levantar sua mão para a aldrava.

É, indubitavelmente, a mais difícil empresa, na qual durante a vida nos podemos ver empenhados, esta da qual nos ocupamos. Libertar a um homem de toda preocupação, de todo pensamento ou sentimento cristalizado, de todas as limitações e, apesar de tudo, desenvolver nele a vontade positiva! Muito tem de milagre aparentemente; porque na vida ordinária a vontade positiva sempre está em associação com ideias cristalizadas. Porém muitas coisas que participam muito, aparentemente, de uma natureza milagrosa, têm sido levadas a cabo na mesquinha experiência de vida concedida à nossa atual humanidade. Todo o passado nos demonstra que a dificuldade não é nenhuma desculpa para recuar na empresa e muito menos para cair na desesperação: de outra maneira, o mundo feria necessidade de muitas das maravilhas da civilização. Consideremos, portanto, a coisa o mais seriamente possível, havendo familiarizado nossa inteligência com a ideia de que aquilo não é impossível.

A grande dificuldade inicial é manter vivo o interesse na direção daquilo que é invisível. Deve fazer-se isto diariamente e só temos que observar o modo como se verifica, com o objeto de ajustar ao mesmo nossa conduta. Todo inventor mantém firmemente seu interesse naquilo que é invisível; e completamente depende da firmeza de sua concentração, triunfar ou fracassar na sua empresa. O poeta, que no momento da sua criação, a considera como aquilo pelo qual vive, vê o invisível e ouve o inaudível.

Provavelmente, nesta última analogia, existe uma chave quanto à maneira de se conduzir, para que o êxito nesta viagem para a desconhecida fronteira ("de onde, na verdade, nenhum viajor volta"), se logre. Aplica-se também ao inventor e a todo aquele que sobressai do ordinário nível físico e mental da humanidade. A chave existe naquela palavra: Criação.

II

Com frequência, a palavra "criar" é compreendida pela inteligência ordinária como sinônima da ideia de produzir algo do nada. A todas as luzes, não é esta sua significação. Mentalmente, nos vemos obrigados a prover de caos ao nosso Criador, para que com o mesmo possa dar origem aos mundos. O lavrador, que é produtor típico da vida social, deve ter à sua disposição, sem materiais, sua terra, seu céu, chuva, sol e sementes para introduzir no seio da terra; não pode produzir nada de nada. Do vazio não pode brotar a natureza; mais além, detrás, ou no interior da mesma, existe aquele material com o qual se revestiu ela graças ao nosso desejo por um universo. É um fato evidente, que as sementes, a terra, o ar e a água, que as faz germinar, existem em cada plano de ação. Se falais com um inventor, achareis que muito mais além daquilo em que atualmente se ocupa, percebe sempre algo que suas palavras não podem expressar, porque ainda não o conduziu ao nosso mundo presente e objetivo. O conhecimento do invisível é certamente mais definido

no poeta de mais difícil expressão, até que o pôs em contato com alguma porção daquela consciência que comparte com os demais homens. Porém, em proporção estrita com sua grandeza, vive ele num estado de consciência, que o homem ordinário não concebe sequer que possa existir: a consciência, que no universo imenso habita, que no ar sem limites respira, que uma vasta terra e um firmamento contempla e que arrebatava sementes de plantas de proporções gigantescas.

Este plano de consciência é o que precisamos alcançar. Que não está reservado para os homens de gênio unicamente demonstra-o o fato de que heróis e mártires o têm encontrado e nele têm vivido. Não são os homens de gênio os únicos que a ele podem chegar. Os homens de grande alma podem somente encontrá-lo.

Nada existe neste fato que possa conduzir ao desânimo. Supõe-se, vulgarmente, que a grandeza no homem é um dom de nascimento. Esta crença é devida a um modo de pensar defeituoso, à cegueira quanto aos fatos da natureza. A grandeza pode ser unicamente alcançada pelo desenvolvimento gradual, que vemos continuamente demonstrado. O mesmo acontece às montanhas e ao nosso globo; são grandes devido ao modo particular de crescimento próprio daquele estado da matéria: a acumulação de átomos. À medida que a consciência inerente a todas as formas em existência passa a mais ativas formas de vida, se faz mais ativa e de um modo proporcional adquire o poder de crescer por assimilação, em vez de o fazer por acumulação. Olhando a existência de um ponto de vista especial (o que é muito difícil manter durante muito tempo, estando, como estamos, habituados a considerar a vida em planos, olvidando as grandes linhas que os unem e que através dos mesmos passam), percebemos imediatamente ser razoável a suposição de que, à medida que avançamos mais além do nosso atual ponto de partida, o poder de crescer por assimilação irá sendo maior e provavelmente se converterá num método ainda mais rápido, fácil e inconsciente. De fato, está o universo cheio de magníficas promessas para nós, se consentimos unicamente em levantar os olhos e olhar. Levantar os olhos é a primeira necessidade e a primeira dificuldade; posto que com tanta facilidade nos contentamos com o que vemos ao alcance de nossas mãos. A característica essencial do homem de gênio é que experimenta uma indiferença relativa, quanto ao resultado daquilo que toca, ardendo em desejos por aquilo que ao longe se vislumbra nas montanhas. De fato, não precisa a sensação do contato para despertar o anelo. Ele sabe que este fruto distante, que percebe sem o auxílio dos sentidos físicos, é um alimento mais sutil e vivificante do que aqueles exigem. E de que maneira é recompensado? Experimenta aquele fruto! Como é forte e delicado seu sabor e que nova sensação de vida se difunde por todo seu ser! Porque, ao reconhecer aquele sabor, reconheceu a existência dos sentidos sutis, aqueles que alimentam a vida do homem interno. E é pela força do homem interno e por meio do seu esforço unicamente como a aldrava das Portas de Ouro pode ser levantada.

De fato é unicamente por meio do desenvolvimento e expansão do homem interior, como se pode perceber a existência destas Portas e de tudo aquilo ao qual nos admitem. Enquanto o homem se contenta com seus grosseiros sentidos e não se preocupa de nenhum modo dos mais sutis, as Portas permanecem literalmente invisíveis. Assim como para o lavrador o vestíbulo da vida intelectual é uma coisa incriada e não existente, do mesmo modo para o homem de sentidos grosseiros,

mesmo no caso de ser sua vida intelectual ativa, tudo o que mais além dos mesmos se oculta, é incriado e não existente, tão só porque não abre o livro.

Para o criado que tira o pó da biblioteca do sábio, os volumes carecem do sentido e nem sequer, ao parecer, contêm para ele uma promessa, a menos que também seja um homem ilustrado, não um mero servente. É possível dirigir um golpe de vista à eternidade, desde o orifício da fechadura graças à uma pura indolência; indolência mental, que é o mesmo que incredulidade, da qual aprendem os homens, afinal, a se orgulhar; chamam-na cepticismo e falam do reino da razão.

III

E agora, consideremos a maneira de vencer a dificuldade inicial de manter o interesse pelo invisível. Nossos sentidos grosseiros se interessam unicamente por aquilo que é objetivo no sentido vulgar da palavra; mas justamente mais além deste panorama de vida, existem sensações muito das que exigem sentidos mais sutis. Aqui encontramos a primeira chave que para os degraus necessitamos. O homem olha desde um ponto de vista que se pode considerar como um centro, do qual partem muitos raios ou linhas; e se tem a coragem de se desprender por si mesmo da mais simples forma de vida, o ponto, e de explorar só um pequeno espaço ao longo destas linhas ou raios, inevitavelmente seu ser se alarga e amplifica: o homem começa a engrandecer. Mas é evidente, se aceitamos este exemplo como fiel e verdadeiro, que o principal, o mais importante, é explorar todas as linhas com igual persistência; de outro modo, o resultado seria uma deformidade. Nós todos apreciamos a grandeza, a majestade e a dignidade próprias de uma árvore da selva, que tem o ar suficiente para respirar, espaço para estender suas raízes e vitalidade interna para verificar seu trabalho incessante. Obedece a lei natural e perfeita do crescimento; e o peculiar respeito que inspira, procede deste fato.

Como é possível reconhecer o homem interno, observar seu desenvolvimento e alimentá-lo?

Procuremos seguir, durante algum tempo, o fio que temos achado; embora depressa as palavras sejam provavelmente inúteis.

Cada um de nós tem que viajar só e sem auxílio de ninguém, não de outro modo deve o viajor galgar só quando a cúspide do monte se aproxima. Ali não pode ajudá-lo besta alguma de carga, nem pode nada do que é grosseiro, que com os sentidos grosseiros se relaciona sustê-lo ali. Mas durante uma curta distância, podem as palavras nos acompanhar.

A língua, nos alimentos, reconhece o grau de doçura ou de ardor. Para o homem cujos sentidos são da qualidade mais ínfima, não existe outra ideia quanto ao que à doçura se refere. Porém uma essência muito mais delicada, uma sensação muitíssimo mais elevada da mesma ordem, se obtém por meio de outra percepção. A doçura no rosto de uma mulher amável, ou o sorriso de um amigo, é reconhecido pelo homem cujos sentidos internos possuem uma pequena, uma simples vibração de vida. Para aquele que levantou a aldrava de ouro, a fonte das águas doces, a fonte mesma da qual toda doçura procede, para ele emana, converteu-se numa parte da sua herança.

Mas antes que as águas desta fonte possam ser provadas, ou qualquer fonte

encontrada, de uma pesada carga tem de ser libertado o coração, uma barra de ferro que o oprime e o impede de se levantar e fazer uso de sua força.

O homem que reconhece a fonte de doçura através da natureza, através de todas as formas de vida, levantou-se aquela, ele mesmo se elevou àquele estado no qual nenhuma limitação existe. Sabe que é uma parte do grande todo; e este conhecimento é o que sua herança constitui. Rompendo-o e desligando-se do laço arbitrário que o mantém encadeado ao seu centro pessoal é como chega à sua maior idade e se converte no legislador Do seu reino. À medida que sua alma se alarga, graças às experiências criadas, ao longo destas linhas múltiplas cujo centro está no ponto onde permanece encarnado, descobre que ele está em contato com toda a vida, que ele dentro de si mesmo contém o todo. E então tem somente que ceder à grande força que chamamos o bem, aderir-se a ela com firmeza, com todas as forças de sua alma e então é velozmente arrastado no seio da corrente vasta e imensa da vida real. Que são as águas que esta corrente constituem? Na nossa vida presente somente possuímos a sombra da substância. Nenhum homem ama sem chegar a saciar-se, nenhum homem bebe vinho sem voltar a ele sedento. A fome e o desejo obscurecem o céu e fazem a terra inóspita. O que nós precisamos é uma terra que produza frutos viventes; um céu que sempre esteja cheio de luz, necessitando isto positivamente, com toda segurança o encontraremos.

CAPÍTULO IV A SIGNIFICAÇÃO DA DOR

I

Lance-se um olhar no seio profundo da vida; de onde vem a dor enegrecer a existência dos homens? Nos umbrais sempre permanece levando atrás de si a desesperação.

Quais são estas duas macilentas figuras e porque lhes é permitido serem nossas companheiras constantes?

Somos nós que lhe permitimos, nós que lhe ordenamos, do mesmo modo que ordenamos e permitimos a ação de nossos corpos; e o fazemos inconscientemente. Se por meio de experiências e observações científicas, temos aprendido muito quanto à nossa vida física, do mesmo modo, ao que parece, adotando métodos análogos, poderíamos pelo menos obter resultados semelhantes, quanto ao que à nossa vida interna se refere.

Aparece a dor, suaviza, rompe e destrói. Considerando desde um ponto o suficientemente distante, aparece como um medicamento, como uma faca, como uma arma, como um veneno, sucessivamente. É um utensílio, uma coisa que evidentemente é usada: o que desejamos nós descobrir, é quem da mesma faz uso; qual é a porção de nós mesmos que pede a presença desta coisa tão odiosa para todas as demais?

O medicamento é empregado pelo médico, o escalpelo pelo cirurgião; mas a arma de destruição é usada pelo inimigo, por aquele que aborrece.

Acontece então que nós não só nos valem de meios, ou desejamos fazer uso dos mesmos em benefício de nossas almas, mas também intentamos a guerra no santuário interno, e o combate dentro de nós mesmos? Aparentemente é assim: porque, na verdade, se a vontade do homem se debilitasse a respeito do anterior, não quereria por mais tempo reter a vida, naquele estado no qual a dor existe. Porque deseja ele seu próprio dano?

A resposta à primeira vista pode ser, talvez, que ele principalmente deseja o prazer e que, portanto, deseja continuar naquele campo de batalha onde luta com a dor, para vencê-la, esperando sempre que o prazer obtenha a vitória e tome posse de seu indivíduo. Este é somente o aspecto externo do estado do homem. Conhece bem que, em si mesmo, a dor e o prazer dominam juntos e que embora a guerra sempre se intente, jamais aquela será vencida. O observador superficial deduz que o homem se submete ao inevitável. Porém aquilo é uma falácia indigna de discussão. Pensando um pouco mais seriamente, vemos que o homem, depois de tudo, não existe senão para o exercício de suas qualidades positivas; lógico é, unicamente, supor que ele escolhe o estado no qual quer viver, por meio do exercício destas mesmas qualidades.

Concedido, pois, em consideração ao nosso argumento, que ele deseja a dor, porque deseja uma coisa tão incômoda para si mesmo?

Se cuidadosamente estudamos a constituição do homem e suas tendências, observaremos como se nele existissem duas direções definidas em cujo sentido se desenvolve. É como uma árvore que crava suas raízes na terra, ao mesmo tempo que lança suas tenras ramas aos céus. Estas duas linhas que partem do ponto central e pessoal, são, para ele, claras, definidas e inteligíveis. A uma chamam bem, a outra mal. Porém o homem não é, segundo nenhuma analogia, observação ou experiência, uma linha reta. Sua vida, seu progresso seu desenvolvimento, chame-se como se queira, não consiste meramente em seguir um caminho reto ou outro, como pretendem os filiados às religiões. A questão, o grande problema, seria então fácil e estaria completamente resolvida. Porém não é tão fácil ir para o inferno, como dizer os predicadores. É uma empresa tão difícil como encontrar o caminho das Portas de Ouro. Pode um homem estar sumido por completo nos prazeres sensuais, pode aparentemente degradar sua natureza inteira; apesar de tudo não se converte num perfeito diabo, porque ainda a centelha da Luz Divina em seu interior permanece. Ele pretende eleger o amplo caminho que à destruição conduz e começa valentemente sua temerária carreira. Porém depressa sente-se colhido, refreado por alguma tendência inconcebível em si mesmo, que é alguma das muitas outras irradiações que partem do centro de si mesmo. Sofre, como sofre o corpo quando desenvolve monstruosidades que impedem sua ação salutar. Ele criou a dor e se tem encontrado com sua própria criação. Poderá parecer que este argumento é de difícil aplicação a respeito da dor física. Não é assim se o homem é considerado num plano muito mais elevado do que aquele que nós geralmente ocupamos. Se o olhamos como a uma poderosa consciência, que origina suas manifestações em harmonia com seus desejos, é evidente então que a dor física resulta da deformidade naqueles desejos. Sem dúvida alguma, esta concepção do homem parecerá a muitas inteligências, em excesso gratuita e que leva consigo um salto mental demasiado grande àqueles lugares desconhecidos em que a prova não é possível obtê-la. Porém se a mente se acostuma a considerar a vida desde este ponto de vista, então, depressa, nenhum outro é aceitável; os fios da existência, que ao observador puramente materialista aparecem sem remédio confundidos, se separam e retificam, tão depressa como uma nova compreensão ilumina o universo. O arbitrário e cruel Criador que a capricho inflige a dor e concede o prazer, desaparece então da cena; e é o que deve acontecer, porque já é um caráter desnecessário, pior ainda, é já um boneco de palha, que não pode, depois de tudo, erguer-se sobre as tábuas, sem que por todos os lados os dogmáticos o segurem. O homem vem a este mundo seguramente, pela mesma razão que vive numa grande cidade da terra ou em outra; e depois de tudo, se é uma exageração dizer que isto é assim, pode-se com toda segurança perguntar: porque não é assim? Não existem para isso razões nem pró nem contra às que o materialista possa apelar ou que sejam de peso, ante um tribunal de justiça. Porém eu afirmo em favor do argumento, que nenhum homem, tendo uma vez considerado seriamente o anterior, pode tornar atrás, para as teorias formais dos cétricos. Seria o mesmo que se envolvesse de novo em cueiros.

Concedido, pois, em consideração ao argumento, que o homem possui uma poderosa consciência, que é seu próprio criador, seu próprio juiz e em cujo interior existem as potencialidades de toda vida, até o objetivo final; permita-se-nos então considerar, porque

ele mesmo é que se causa o sofrimento.

Se a dor é o resultado de um desenvolvimento desigual, de um crescimento monstruoso, de uma adiantada imperfeição em diferentes pontos, porque não aprende o homem a lição que isto lhe ensina e não procura desenvolver-se por igual?

No meu parecer, a resposta a esta pergunta seria que esta é a verdadeira lição que a raça humana está empenhada em aprender. Talvez isto possa parecer uma afirmação audaz em excesso, na presença do modo ordinário de pensar, que ou bem considera o homem como uma criatura filha da casualidade, vivendo no caos, ou como uma alma acorrentada à roda inexorável do carro de um tirano e lançada ao céu ou precipitada no inferno. Porém um modo tal de pensar é, depois de tudo, o mesmo que aquele da criança que olha a seus pais como os árbitros finais de seus destinos e de fato como os deuses ou demônios do universo. À medida que cresce, lança de si esta ideia, encontrando simplesmente que é uma questão de avançar em anos e que ele mesmo é o rei da vida, como qualquer outro homem.

Assim é a respeito da raça humana. É o rei do mundo, árbitro de seu próprio destino e ninguém existe que possa dizer-lhe, não. Aquele que fala de Providência e de casualidade, não se deu ao trabalho de pensar.

O destino, o inevitável, existe na verdade, tanto para a raça como para o indivíduo. Mas, quem pode marcar sua linha de ação, se não é o homem mesmo? Nem nos céus nem na terra existe nada que dê motivo para supor a existência de outro ordenador que o homem mesmo, que sofre ou goza com o que está prescrito. O que sabemos a respeito de nossa constituição, é tão pouco, somos tão ignorantes no referente a nossas divinas funções, que é para nós impossível saber se na atualidade estamos pouco ou muito sujeitos ao destino. Porém, o que depois de tudo sabemos é que nada que dê motivo à existência de um ordenador tem sido ainda descoberto. Enquanto que, se concedemos somente uma muito pequena atenção à vida que em torno de nós existe, com o objeto de observar a ação do homem sobre seu próprio futuro, depressa percebemos este poder, como uma força atual em operação. É visível, embora nosso campo de visão seja tão limitado.

O homem do mundo, puro e simples, é o melhor observador prático e filósofo a respeito da vida, porque não está obcecado por nenhuma espécie de preocupação. Sempre o encontraremos acreditando que, segundo o que o homem semeia, recolhe. E é isto tão verdadeiro, que se se abarca o mais amplo campo, incluindo toda a vida humana, se faz compreensível a funesta Nêmesis que tão conscienciosamente parece perseguir a raça humana, aquela inexorável aparição da dor no meio do prazer. Os grandes poetas gregos viam esta aparição tão claramente que suas registradas observações nos têm dado, a nós, observadores mais jovens e mais cegos, ideia da mesma. Não é verossímil que uma raça tão materialista como a que sobre todo o Ocidente se tem desenvolvido, tivesse descoberto por si mesma este fator terrível da vida humana, sem o auxílio dos mais antigos poetas, os poetas do passado. E com este motivo, podemos indicar, dito seja de passagem, uma utilidade distinta que do estudo dos clássicos resulta; ou seja que as grandes ideias e fatos acerca da vida humana que na poesia das grandiosas figuras da antiguidade existem, não se perderão por completo, como acontece com suas artes. Indubitavelmente o mundo florescerá de novo e pensamentos muito mais amplos e descobertas muito mais profundas que todas as do passado, serão a glória dos homens da eflorescência futura. Porém, até que

aquele dia longínquo chegue, por muito que apreciemos os tesouros que nos têm sido legados, nunca será o suficiente.

Um aspecto da questão existe que, ao parecer e à primeira vista, é positivamente negativo, quanto a este modo de pensar: é o sofrimento, em aparência, no corpo puramente físico dos seres mudos, crianças de curta idade, idiotas, animais e sua desesperada necessidade, do poder que à consequência de qualquer classe de conhecimento vem auxiliá-los no meio de seus sofrimentos.

A dificuldade que a respeito disto se origina na mente, procede da insustentável ideia da separação da alma do corpo. Supõe-se, por todos aqueles que só se fixam na vida material (e especialmente pelos médicos da carne), que o corpo e o cérebro são um par de companheiros que vivem juntos, de mãos dadas e reacionam um sobre o outro. Mais além do qual, nenhuma causa reconhecem e, portanto, não permitem que exista nenhuma. Esquecem que o cérebro e o corpo são evidentemente meros mecanismos tal a mão e o pé. Ali permanece o homem interno, a alma, fazendo uso de todos estes mecanismos; e isto é uma verdade tão evidente a respeito de todas as existências que conhecemos, como quanto ao homem se refere. Nenhum ponto podemos encontrar na escala dos seres, no qual o processo de causa que procede da alma cesse, ou possa cessar. A ostra insensível deve ter em si mesma aquilo que faz que escolha a vida inativa que a caracteriza; ninguém, certamente, a escolheria para ela, senão a própria alma que no seu seio se oculta e que lhe dá o ser. Como poderia de outra maneira estar onde está, ou existir em absoluto? Unicamente por meio da intervenção de um criador impossível, chamado por um ou outro nome.

Devido ser o homem tão indolente, e estar tão pouco disposto a assumir ou aceitar a responsabilidade, recorre ao expediente desta falsificação temporal de um criador. É, na verdade, temporal, porque pode unicamente existir enquanto dure a atividade do poder cerebral particular que está em seu lugar entre nós. Quando o homem lança sua vida mental atrás de si, necessariamente abandona com ela sua lanterna mágica e as prazenteiras ilusões que, com ajuda da mesma, conjurou. Deve ser um penoso momento aquele e deve produzir um sentimento de nudez, ao qual nenhuma outra sensação comparar se possa. Aparentemente poderia evitar-se tão desagradável experiência, recusando aceitar fantasmas imaginários como entidades de carne, sangue e poder. Gosta o homem de lançar sobre o Criador a responsabilidade, não só de sua capacidade para pecar e da possibilidade de sua salvação, mas também a de sua própria vida, sua verdadeira consciência. Na verdade, é um pobre Criador o que de tal modo se contenta, que se compraz com um universo de bonecas e se diverte puxando dos seus fios. Se é capaz de se entreter de um modo semelhante, deve estar ainda na sua infância. Talvez seja assim, depois de tudo; o Deus que em nosso interior reside é ainda uma criança e recusa reconhecer seu mais alto estado. Se, na verdade, a alma do homem está sujeita às leis do crescimento, de diminuição e de renascimento, do mesmo modo que seu corpo, não há então motivo para nos maravilhar da sua cegueira. Mas evidentemente isto não é assim, porque a alma do homem pertence sem dúvida aquela ordem de vida que origina a estrutura e a forma, e à qual estas coisas não afetam; aquela ordem de vida que, à maneira da pura e abstrata chama, arde sempre que é acendida. Não a pode o tempo mudar ou afetar, pois pela sua mesma

natureza, é superior ao crescimento e à decadência. Permanece naquele lugar primitivo, que é o único trono de Deus; naquele ponto do qual brotam as formas da vida, e ao qual voltam. Naquele lugar, o ponto central da existência permanece, onde um foco permanente de vida reside como no centro do coração do homem. Por meio do desenvolvimento por igual, é como, primeiro, pelo reconhecimento do mesmo e, depois, por seu harmônico desenvolvimento sobre as muitas linhas radiantes de experiência, o homem adquire, enfim, a faculdade de chegar às Portas de Ouro e de levantar sua aldrava. O processo é o reconhecimento gradual do deus em si mesmo; a meta é alcançada quando aquele deus doméstico é restabelecido conscientemente à sua legítima glória.

III

O primeiro que necessariamente deve fazer a alma do homem com o objeto de se lançar nesta grande empresa, para descobrir a verdadeira vida, é o mesmo que antes de tudo faz a criança ao desejar a atividade do corpo, deve ser capaz de se manter de pé; claro é que o poder de se manter a pé firme, de equilíbrio, de concentração, de retidão na alma, é uma qualidade de um caráter que sobressai. A palavra que mais graficamente descreve esta qualidade é "confiança".

Permanecer, todavia, no seio da vida e de suas mudanças e manter-se firme no lugar escolhido, é um fato que só pode ser levado a cabo pelo homem que tem confiança em si mesmo e no seu destino. De outra maneira, as formas turbulentas da vida, a maré avassaladora dos homens, as grandes correntes de pensamento, deverão inevitavelmente arrastá-lo consigo, perdendo então aquele ponto de consciência, do qual é possível lançar-se à grande empresa. Este ato do homem recém-nascido, deve ser levado a cabo conscientemente e sem que a menor influência exterior sobre ele obre. Todos os grandes da terra possuíram esta confiança e permaneceram firmemente naquele lugar que era, para eles, o único ponto sólido do universo. Para cada homem este lugar é necessariamente distinto; cada homem deve encontrar sua própria terra e seus próprios céus.

Possuímos o desejo instintivo de remediar a dor; mas nisto, como em todo o demais, só nos preocupamos de exterioridades. O que fazemos é simplesmente atenuá-la; e se fazemos mais e a arrancamos da primeira fortaleza que escolheu, aparece em algum outro lugar com vigor desdobrado. Se eventualmente é lançada do plano físico, graças a esforços persistentes e felizes, reaparece nos planos mental ou emocional, onde nenhum homem pode influir em si mesmo. Que isto é assim, e facilmente visto por todos aqueles que unem os distintos planos de sensação e que observam a vida com aquela iluminação adicional. Os homens costumam considerar estas diferentes formas de sentimento, como atualmente separadas, enquanto que, de fato, são com toda evidência tão só diferentes lados em torno de um mesmo centro, o ponto de personalidade. Se aquilo que no centro brota a fonte de vida, pede alguma ação penosa e a consequência da mesma causa dor, a força assim criada, lançada de uma fortaleza deve encontrar outra; não pode ser destruída. E todas as combinações da vida humana que dão lugar à emoção e à dor, existem com objetivo determinado, acontecendo o mesmo com todas aquelas que dão lugar ao prazer.

Ambas têm sua mansão no homem, ambas pedem a expressão do seu direito. O maravilhosamente delicado mecanismo da forma humana, está construído para responder ao seu mais ligeiro contato; as confusões extraordinárias das relações humanas se desenvolvem por si mesmas, para a satisfação destes dois grandes antagonistas da alma.

A dor e o prazer permanecem apartados e separados como o estão ambos os sexos e confundindo-os, fazendo dos dois um; é como o gozo, a sensação e a paz profundas se obtêm ali onde não existe nem macho nem fêmea, nem prazer nem dor, ali o deus no homem domina, ali impera a vida real.

Apresentar a questão deste modo poderá ter demasiados pontos de analogia, com o que o dogmático afirma sem que ninguém o contradiga desde um púlpito seguro. Mas é dogmatismo unicamente, como é dogmatismo a lembrança do esforço de um sábio numa direção nova. A menos que a existência das Portas de Ouro se possa provar que é real não uma simples fantasmagoria de visionários fanáticos, então não são dignos eles, depois de tudo, de falar acerca das mesmas. No presente século, só fatos concludentes ou argumentos legítimos, influem nas inteligências dos homens. Porque a menos de que a vida para a qual avançamos aumente incessantemente em realidade e seja atual, não merece a pena que desperdicemos o tempo indo na direção da mesma. A realidade é a maior necessidade do homem e ele a pede a todo custo, a qualquer preço. Isto é o que sucede; ninguém duvidará que está no seu direito. Marchemos, pois, em busca da realidade.

IV

Uma lição definida que todos quantos têm sofrido intensamente aprenderam, nos prestará o maior dos serviços desde este ponto de vista. Na dor intensa se chega a um ponto, no qual não se pode distinguir o seu contrário, o prazer. Assim é, na verdade; mas poucos possuem o heroísmo ou a energia para sofrer até um grau tão extraordinário. É aquele tão difícil de alcançar como pelo outro caminho. Unicamente uns poucos eleitos possuem a gigantesca capacidade para o prazer que lhes permite transladar ao seu lado oposto. A maior parte só possui a força suficiente para gozar e para se converter em escravos do prazer. Apesar de tudo, o homem possui, indubitavelmente, em seu interior, o heroísmo necessário para a grande empresa. Se de outro modo fosse, como é que há mártires que sorriram no meio dos tormentos? Porque o endurecido pecador, que somente para o prazer vive, pode por fim sentir o sopro divino agitar-se dentro de si mesmo?

Mas com demasiada frequência, aquela possibilidade é anulada pela preponderância da natureza refreada: o mártir adquiriu uma paixão pela dor e vive com a ideia de um sofrimento heroico; o pecador é cegado pela ideia da virtude e a adora como um fim, como um objetivo, como uma coisa divina por si mesma. Quando, depois de tudo, só pode ser divina, se a considera como uma parte daquele todo que compreende tanto o vício como a virtude. Como é possível dividir o infinito, aquilo que é uno? É tão razoável conceder divindade a qualquer objeto, como tomar uma taça de água do oceano e declarar que este está contido naquela. Não podeis separar o oceano e declarar que este está contido naquela. Não podeis separar o oceano; a água salgada é uma porção do mar imenso e assim deve ser; mas, no entanto, não podeis ter o mar em vossa mão. Os homens desejam tão impacientemente o poder pessoal, que estão dispostos a colocar o infinito numa taça e

sintetizar a ideia divina numa fórmula com o objetivo de poder imaginar que estão em possessão da mesma. São estes unicamente que não se podem levantar e se aproximar às Portas de Ouro, porque o grande sopro da vida os confunde; ao contemplar sua grandeza, o horror os tolhe. O adorador de um ídolo conserva em seu coração a imagem daquele e sempre ante o mesmo mantém uma luz acesa. Aquele é seu ídolo próprio e se compraz com este pensamento embora se incline reverentemente ante ele mesmo. Quantos homens virtuosos e religiosos não se encontram neste estado? No mais recôndito da alma, a lâmpada arde ante o deus doméstico, uma coisa possuída pelo adorador e a ele sujeita. Os homens se abraçam com desesperada tenacidade a estes dogmas, a estas leis morais, a estes princípios e sistemas de fé, que são seu deus caseiro, Seus ídolos pessoais. Pedi-lhes que acendam a chamada incessante só em honra ao infinito e se apartarão de vós. De qualquer modo que depreciem vosso protesto, no seu interior deixa o sentimento de um doloroso vazio. Porque a nobre alma do homem, aquele poderoso rei que dentro de todos nós reside, sabe perfeitamente bem que este ídolo caseiro pode, em qualquer momento, ser derrubado e destruído; que em si mesmo carece de toda finalidade, sem nenhuma vida real e absoluta. E com sua possessão tem sido feliz, olvidando que qualquer das coisas que se possuam podem, só pelas leis mutáveis da vida, se conservar temporalmente. Olvidou ele, que o infinito é seu único amigo; ele olvidou que na sua glória existe unicamente sua mansão e que aquele é que pode somente ser seu deus. Ali se sente desamparado; mas, como no meio dos sacrifícios que ao seu próprio e especial ídolo oferece, encontra um breve lugar de repouso, por isto apaixonadamente a ele se abraça.

Poucos são os que têm a coragem de olhar, embora seja de relance em relance, de contemplar a grande desolação que ao exterior deles mesmos existe e que existirá durante todo o tempo que se mantenham aderidos à pessoa que representam, ao "eu" que para eles é o centro de todo mundo, a causa de toda vida. No seu anelo por um deus, encontram a razão para a existência; no seu desejo por um corpo sensual e um mundo onde gozar, existe para eles a causa do universo. Estas crenças podem permanecer muito profundamente ocultas debaixo da superfície e ser, portanto, dificilmente acessíveis; mas no fato de que ali existem se funda a razão pela qual o homem se mantém justo. Para si mesmo, ele é o infinito e o Deus; ele sustém o oceano numa taça. Na sua ilusão, alimenta o egoísmo que faz a vida prazenteira, que faz a dor agradável. Neste profundo egoísmo está a causa verdadeira e a origem da existência do prazer e da dor. Porque se o homem não oscilasse entre estes dois, e incessantemente se recordasse a si mesmo, por meio da sensação, que existe, o esqueceria. E neste fato se funda por completo a resposta à pergunta: "Porque dá origem o homem à dor, para seu próprio desconsolo?"

O fato estranho e misterioso permanece ainda inexplicável; o homem, enganando-se a si mesmo de um modo tal, interpreta meramente a natureza ao contrário e atribui às palavras de morte, a significação da vida. Que o homem, na verdade, contém no seu interior o infinito e que na taça o oceano realmente existe, é uma verdade incontestável. Mas, unicamente, é assim, porque a taça, em absoluto, não existe. É, simplesmente, uma experiência do infinito, exposta a ser destroçada em qualquer momento. Pretendendo realidade e permanência para os quatro muros da sua personalidade, é como o homem comete o enorme erro que o submerge numa prolongada série de incidentes desgraçados e intensifica continuamente a existência de suas formas favoritas de sensação. O prazer e a

dor se convertem, para ele, em mais reais que o grande oceano do qual ele é uma parte e no qual sua mansão existe; perpetua e dolorosamente se golpeia contra estes muros, nos quais sente e seu eu mesquinho oscila dentro da sua prisão escolhida.

CAPÍTULO V O SEGREDO DA FORÇA

I

Força para se lançar adiante é o que, em primeiro lugar, necessita aquele que esta senda escolheu. Onde se a tem de procurar? Olhando em torno de si, não é difícil ver onde os outros homens encontram sua força. A origem da mesma existe na sua profunda convicção. Graças a este grande poder moral, nasce na vida natural do homem aquilo que lhe permite, por débil que seja, avançar e vencer. Conquistar o que? Não continentes nem mundos, mas a si mesmo. Por meio daquela vitória suprema se obtém a entrada no todo, onde tudo o que pode ser conquistado e adquirido pelo esforço, se converte de uma vez, não em algo, mas em nós mesmos.

Cingir-se a armadura e lançar-se ao combate, expondo-se a uma morte entre a confusão da batalha, é coisa fácil; permanecer silencioso no meio da tagarelice do mundo, conservar a tranquilidade durante o alvoroço do corpo, guardar silêncio no meio dos mil gritos dos sentidos e desejos e, então, despojado de toda armadura, sem precipitação, sem excitação alguma, colher a serpente mortal de nós mesmos e matá-la, não é fácil. Apesar de tudo, isto é o que se deve fazer. O qual unicamente pode ter lugar no momento de equilíbrio, quando o inimigo está desconcertado pelo silêncio.

Para este momento supremo, é necessária uma força tal, como a que nenhum herói dos campos de batalha necessita. Um grande soldado deve possuir a convicção plena e profunda da justiça de sua causa e da retidão do seu método. O homem que combate contra si mesmo e vence, pode unicamente fazê-lo quando sabe que, empenhando-se naquela guerra, faz a única coisa que é digna de se levar a cabo; e quando sabe que, conduzindo-se deste modo, reduz ao seu serviço aos céus e inferno. Sim, em ambos permanece. Não precisa ele de céu algum, do qual o prazer venha a maneira de prêmio durante largo tempo prometido; inferno algum tem onde o aguarde a pena com a que será castigado por seus pecados. Porque venceu uma vez por todas aquela astuta serpente em si mesmo, a qual se move de um a outro lado no seu constante desejo de contato, na sua trajetória perpétua atrás do prazer e da dor. Nunca, jamais (uma vez a vitória alcançada) tremerá, ou se encherá de gozo por qualquer pensamento acerca do que o futuro compreende. Todas aquelas sensações ardentes que lhe pareciam constituir as únicas provas da sua existência, já não as constituem. Como pode, então, conhecer que vive? Sabe-o unicamente por argumento. E, com o tempo, não cuida sequer de arguir acerca do mesmo. Porque nele, então, reina a paz. E naquela paz encontrará o poder que anelou. Então saberá o que é aquela fé que pode transportar montanhas.

A religião mantém o homem afastado da senda e impede sua marcha para diante por muitas e claras razões. Em primeiro lugar, comete um erro vital de distinguir entre o mal e o bem. A natureza não conhece semelhante distinção; as leis morais e sociais impostas por nossas religiões, são tão temporais, como coisas pertencentes ao nosso modo e forma de existência, como são as leis morais e sociais das formigas e das

abelhas. Passamos nós mais além daquele estado no qual estas coisas parecem ser finais e as esquecemos para sempre. Isto se demonstra facilmente; posto que um homem de amplo modo de pensar e de inteligência, deve modificar sua regra de vida quando habita entre gentes a ele estranhas.

Estas gentes, entre as quais é um estrangeiro, têm suas religiões próprias profundamente enraizadas e convicções hereditárias contra as quais não pode chocar. A menos de possuir uma inteligência abjeta, mesquinha e obtusa, vê que suas leis e ordens são tão boas como as suas próprias. Que é o que pode, então, fazer, senão acompanhar gradualmente sua conduta às suas regras? E se depois habita no meio deles muitos anos, o fio cortante da diferença se gasta e olvida, por fim, onde sua fé termina e a deles começa. Pode, então, seu próprio povo, dizer que fez mal, se a homem algum injuriou e permaneceu justo?

Não ataco eu nem à lei nem à ordem: não falo destas coisas com violento desgosto. Em seu lugar, são tão vitais e necessárias, como o que é o código que rege numa colmeia para a prosperidade da mesma. O que eu desejo indicar é que a lei e a ordem, em si mesmas, são completamente temporais e não satisfazem. Quando a alma de um homem abandona aquela habitação que por breve tempo ocupou, não a acompanham pensamentos de lei e de ordem. Se é forte, se converte em possuidora do êxtase da verdadeira existência e da vida real, como sabem todos os que velaram junto ao leito dos moribundos. Se a alma é débil, se acovarda e debilita, vencida pelo sopro primeiro da vida nova.

Falo eu de um modo em excesso positivo? Unicamente aqueles que na vida ativa do momento vivem, que não velaram mortos ou moribundos, que não percorreram os campos de batalha e contemplaram os semblantes dos homens na sua agonia última, o dirão. O homem forte, cheio de um gozo imenso abandona seu corpo. Porque? Porque a dúvida já não o detém, já não o faz tremer. No momento misterioso da morte, é-lhe concedida a liberdade e, com súbito sentimento de deleite, a reconhece. Se antes tivesse tido a certeza disto, teria sido um grande sábio, um homem capaz de reger o mundo, porque teria tido o poder de se governar a si mesmo e ao seu próprio corpo. A libertação das cadeias da vida ordinária pode-se obter tão facilmente durante a vida como pela morte. Unicamente é necessária uma convicção profunda, o suficiente para permitir ao homem olhar seu corpo, com a mesma emoção que olharia o corpo de outro homem, ou os corpos de milhares de homens. Contemplando um campo de batalha é impossível fazer-se ideia da agonia de cada um dos que sofrem. Porque, então, sentir nossa dor de um modo mais agudo que a de outro? Agrupai juntamente à totalidade e olhai ali, desde um ponto de vista mais amplo que o da vida intelectual. O sofrimento que, na atualidade, vossa ferida vos causa é uma debilidade de vossa limitação. O homem desenvolvido fisicamente sente a ferida de outro, de um modo tão agudo como a sua própria; nem sequer sente a sua, se é suficientemente forte para querer assim. Todo aquele que examinou seriamente as condições físicas, sabe que este é um fato mais ou menos marcado em harmonia com o desenvolvimento físico. Em muitos casos sente, o físico, mais aguda e egoisticamente, sua própria dor que a de qualquer outra pessoa; mas isto acontece quando o desenvolvimento, apesar do muito que tenha sido, chega unicamente até

um certo ponto. Este é o poder que conduz ao homem à borda daquela consciência que é profunda paz e atividade vital. Não se pode levar mais além; mas se ele chegou às suas margens, livra-se do domínio do mesquinho do seu próprio eu. Aquela é a primeira e grande libertação. Contemplem-se os sofrimentos que nossas miseráveis e limitadas experiências e simpatias nos causam. Cada um de nós permanece completamente só, uma unidade solitária, um pigmeu no mundo. Que boa fortuna podemos esperar? A grande vida do mundo vertiginosamente se move no espaço e a cada instante .estamos em perigo de ser oprimidos e até ser por ela completamente destruídos. Não existe defesa alguma contra a mesma, nenhum exército pode se lhe opor, porque nesta vida cada homem está empenhado em seu próprio combate contra cada um dos demais homens e nem sequer dois podem unir-se debaixo de uma mesma bandeira. Um só meio existe para escapar deste perigo terrível, com o qual lutamos a todas as horas. Voltar-se redondamente e, em vez de resistir às forças, unir-se a elas, unificar-se com a Natureza e andar facilmente pela senda. Não sentir ou resistir às circunstâncias da vida, mais do que sentem as plantas, a chuva ou o vento. Então subitamente, e com assombro, perceberéis que podeis economizar tempo e força, para empregá-los na grande batalha que sem remédio todo homem deve encetar em si mesmo, e que o conduz à sua própria conquista; em certo modo, dir-se-ia, à sua própria destruição. E por que? Porque desde o momento em que, pela primeira vez, prova a realidade esplêndida da vida, olvida mais e mais seu próprio indivíduo; já não combate mais por ele ou excita sua força contra a força dos demais. Já não tem mais interesse em defendê-lo ou alimentá-lo. Quando permanece tão indiferente ao seu bem estar, o eu individual cresce mais forte e mais robusto, à maneira das ervas dos prados e das árvores das selvas impenetráveis. É para ele uma questão de indiferença que isto seja assim ou não. Unicamente se é assim, tem na sua mão e disposto um magnífico instrumento. E na proporção devida à sua indiferença é a força e a beleza do seu eu pessoal. Isto facilmente se vê: um jardim de flores se converte numa simples cópia degenerada de si mesmo, se é simplesmente descuidado. Uma planta deve ser cultivada até o grau mais elevado e corresponder por completo ao saber do jardineiro, ou ser de outro modo, puramente selvagem, silvestre e alimentada só pela terra e o céu. Quem se interessa por algum estado intermediário? Que valor ou que força existe na descuidada rosa do jardim, que tem a podridão em cada botão? As flores enfermas ou raquíticas o devem, com toda a certeza, a uma mudança arbitrária de condições, causada pelo descuido do homem que até então tem sido a providência da planta na sua vida antinatural. Mas existem planícies varridas por todos os ventos, onde as margaridas crescem robustas tais como nenhum cultivo pode produzi-las. Cultivai, pois, até o maior extremo; não esqueçais nem sequer uma polegada do vosso jardim; não descuideis nem a menor das plantas que no mesmo crescem; não tenhais pretensões loucas, nem imprudentemente vos enganeis, imaginando que estais dispostos a esquecê-lo, expondo-vos assim às terríveis consequências das medidas a medias. A planta que é regada um dia e esquecida no seguinte, deve descair ou desmerecer. A planta que não espera outro auxílio que o da natureza, mede antes de tudo suas forças; não morre e volta a ser criada, ou chega a ser uma grande árvore cujas ramas enchem o espaço. Mas não vos enganeis, de modo algum, como os religiosos e alguns filósofos; não descuideis nenhuma porção de vós

mesmos, enquanto conheceis que a vós mesmos pertence. Durante todo o tempo que o terreno é do jardineiro, sua obrigação é cuidá-lo. Pois algum dia será chamado para algum outro país ou pela morte mesma e, num momento, cessa de ser o jardineiro, sua ocupação termina, seus deveres a respeito daquele já não existem. Então suas plantas favoritas sofrem e morrem e as delicadas se confundem com a terra. Mas depressa a natureza poderosa reclama o lugar para si e o cobre de espessa relva ou de ervas gigantescas ou alimenta algum rebento, até que seus ramos sombreiam a terra. Vigiai e cuidai do vosso jardim com o maior esmero possível, até que o abandoneis completamente e à natureza volte e se converta em planície a todos os ventos aberta, onde as flores silvestres crescem. Se, então, próximo a ele passais e o contemplais, nada do que no mesmo tenha acontecido vos poderá desgostar ou ufanar. Porque então sereis capazes de dizer: "Eu sou o terreno rochoso. Eu sou a árvore corpulenta. Eu sou a silvestre margarida", as quais é indiferente floresçam onde uma vez vosso rosal cresceu. Mas deveis ter aprendido a estudar as estrelas com algum objetivo, antes de vos atreverdes a descuidar vossas rosas e de omitir o encher o ar com sua cultivada fragrância; deveis conhecer vosso caminho através do ar no qual pegadas não existem e dali ao éter puro; deveis estar dispostos a levantar a barreira das Portas de Ouro.

Cultivai, vos digo, e não descuideis nada. Recordai unicamente que, enquanto cuidais e regais, estais usurpando imprudentemente as atribuições da mesma Natureza. Tendo usurpado sua obra, deveis terminá-la por completo, até que tenhais alcançado um ponto no qual não tenha mais poder algum para castigar-vos e onde já não vos assuste e do qual possais, com a fronte erguida, devolver-lhe o que lhe pertence. A poderosa mãe sorri consigo mesma, espiando-vos, com seus olhos sorridentes e entreabertos, pronta a reduzir inflexivelmente a pó vossa obra inteira, se para isso lhe dais motivo, se vos tornais preguiçosos e o vosso descuido cresce. O preguiçoso é o pai do louco, no sentido mesmo de que a criança é o pai do homem. A Natureza pôs sobre ele sua vasta mão e tem arruinado por completo o edifício. O jardineiro e seus rosais são igualmente destroçados e desfeitos pela grande tempestade à qual seu movimento deu origem; desamparados permanecem até que a areia sobre eles se amontoa, ficando em triste soledade sepultados. Deste lugar deserto, a Natureza mesma voltará a criar e empregará as cinzas do homem que se atreveu a resisti-la, com tanta indiferença quais as murchas folhas de suas plantas. Seu corpo, sua alma e seu espírito, todos são igualmente reclamados por ela.

III

O homem que é forte, que resolveu encontrar a senda desconhecida, dá cada passo com o maior cuidado. Não pronuncia nenhuma palavra inútil, não exercita nenhuma ação inconsiderada, não descuida nenhum dever ou ofício por vulgar ou difícil que seja. Mas ao mesmo tempo que seus olhos, suas mãos e seus pés estão desempenhando suas obrigações, novos olhos, novos pés e novas mãos estão nascendo no seu interior. Porque o seu desejo apaixonado e incessante é lançar-se naquele caminho no qual os órgãos sutis são os únicos que o podem guiar. Ele aprendeu e sabe como empregar o mundo físico; gradualmente seu poder passa mais

além daquele e reconhece o mundo físico. Mas tem que aprender a conhecer este mundo e a maneira de usá-lo e não se atreve a deixar a vida que lhe é familiar, até que se afirmou naquilo que é para ele desconhecido. Quando adquiriu um poder tal como seus órgãos físicos, do mesmo modo que acontece à criança com seus órgãos físicos, quando pela primeira vez abre seus pulmões, então souo a hora para a grande aventura. Quão pouco é o que se precisa e, apesar de tudo, quanto não é necessário!

Não precisa o homem que o corpo físico esteja formado em todas suas partes como o de uma criança; precisa somente a convicção profunda e inquebrantável que impele a criança, de que a nova vida é desejável. Uma vez estas condições adquiridas, pode viver já na nova atmosfera e dirigir seus olhos ao novo sol. Mas então deve recordar e confrontar sua nova experiência, pela antiga. Respira ainda, embora de um modo diferente; introduz o ar nos seus pulmões e toma a vida do sol. Nasceu no mundo físico e depende agora do ar e da luz físicas. Seu objetivo final não está aqui: isto é só uma repetição sutil da vida física que tem de passar por ele em harmonia com leis semelhantes. Deve estudar, aprender, crescer e conquistar: não esquecendo jamais que sua meta está naquele lugar onde nem o ar, nem o sol, nem a lua existem.

Não se deve julgar, por isto, que na série do seu progresso, o homem muda ou é movido do seu lugar. Nada disto acontece. A mais fiel ilustração do processo, é aquela na qual se lhe compara ao levantamento de capas, de crosta ou de pele, umas atrás das outras. Tendo o homem aprendido sua lição completamente se desprende da vida física; tendo aprendido sua lição completamente, abandona a vida contemplativa ou vida de adoração.

Lançadas todas, por fim, entra no grande templo, no qual toda lembrança do eu ou da sensação é deixado no exterior, com os sapatos que o adorador tira. Aquele templo é o lugar de sua própria e pura divindade, a chama central que, embora obscurecida, o tem animado no meio de todas as suas lutas. E tendo encontrado esta mansão sublime, está tão seguro como nos próprios céus. Permanece, todavia, cheio de todo o conhecimento e poder. O homem exterior, o adorador, o ativo, a personificação vivente, segue seu caminho, de mãos dadas com a natureza e dá amostra de toda aquela força soberba da natureza silvestre na terra, iluminado por aquele instinto que compreende o conhecimento. Porque no mais interno santuário, no templo atual, tem encontrado o homem a essência sutil da própria natureza. Não pode já, por mais tempo, existir diferença alguma entre eles, nem tão pouco nenhuma classe de medidas a meias. Chega já a hora da ação e do poder. Naquele santuário interno, tudo se encontra, deus e suas criaturas, os inimigos que delas fazem presa, todos aqueles dentre os homens a quem temos amado, todos aqueles a quem temos aborrecido. Já entre eles não existe diferença alguma. Então a alma do homem se compraz com a sua força e intrepidez e se lança no meio do mundo onde sua ação é necessária e é causa de que esta ação se verifique sem apreensão, nem medo, nem sobresalto, sem gozo e sem sentimento.

Este estado é possível ao homem enquanto ainda vive fisicamente, pois homens o têm alcançado durante a sua vida. Suas ações no físico se relacionam unicamente com o divino e o verdadeiro.

A vida, entre os objetos materiais, deve ser, para sempre, uma forma externa, para a alma sublime; pode, unicamente, converter-se na vida poderosa, na vida em que os

grandes resultados se obtêm; quando é animada pelo coroadado e indiferente deus que no santuário reside.

A obtenção deste estado é em tão alto grau desejável, porque desde o momento em que nele se entrou, não mais perturbação, não mais ansiedade, não mais dúvida ou vacilação existem. Assim como um grande artista pinta sem medo algum seu quadro sem cometer, jamais, nenhum erro que o desgoste, do mesmo modo se conduz na sua vida o homem que formou o seu eu interno.

Mas isto se refere a quando já nesta condição se entrou. Olhar as montanhas, famintos por saber, é o modo de entrar no caminho que conduz à porta. A porta é aquela porta de ouro assegurada com uma pesada barra de ferro. O caminho para o umbral da mesma ocasiona no homem a enfermidade e a indiferença; não parece nenhuma senda, parece interminável, bordeia precipícios asquerosos, ele mesmo se perde no meio de águas profundas.

Uma vez cruzadas é encontrado o caminho, maravilhoso parece que a dificuldade tenha sido considerada tão grande. Porque o caminho, quando desaparece, só gira bruscamente sobre a borda do precipício, conserva a largura suficiente para o pé e através das profundas águas, cujo aspecto é tão traidor, existem sempre um remo e uma barca. Assim acontece em todas as profundas experiências da vida humana; quando o primeiro pesar ao coração desgarrar, parece como se a senda tivesse terminado e uma confusa obscuridade ocupasse o lugar dos céus. E, apesar de tudo, tateando, a alma passa e fica vencida aquela dificuldade, aquela volta do caminho, ao parecer, infranqueável.

O mesmo acontece com muitas outras formas da tortura humana. Algumas vezes, durante um longo período ou durante uma vida inteira, o caminho da existência está perpetuamente embaraçado pelo que, ao parecer, são obstáculos insuperáveis; a dor, a pena, o sofrimento, a perda de tudo quanto se ama, ou têm valor se levantam ante a alma aterrorizada e a arrechaça a cada volta. Quem coloca ali semelhantes obstáculos? A razão se encolhe ante o pueril e mesquinho da pintura que os religiosos ante a mesma apresentam; é a permissão que Deus concede ao diabo para que atormente as suas criaturas, para que alcancem a fidelidade futura. Quando será esta obtida? A ideia compreendida no anterior supõe um fim, um objetivo. Ali nenhum existe. Qualquer um de nós pode, com toda a segurança, afirmar que o mais distante que a observação humana, a razão, o pensamento, a inteligência, ou o instinto podem ir no que podem conhecer acerca do mistério da vida, todos os dados obtidos mostram que a senda é interminável e que a eternidade não pode ser aludida nem convertida pela alma preguiçosa num milhão de anos.

No homem considerado individualmente, ou como um todo, é evidente que uma dupla constituição existe. Falo agora em sentido geral, sabendo perfeitamente que as diferentes escolas de filosofia o dividem e subdividem de acordo com suas diferentes teorias. O que quero dizer é que duas grandes correntes de emoção circulam através da sua natureza, duas grandes forças dirigem sua vida: uma faz dele um animal, a outra o converte num deus. Nenhum bruto da terra é tão brutal como o homem que sujeita seu poder divino ao poder animal, o qual perfeitamente se compreende, porque a força total da dupla natureza é então lançada numa direção. O animal obedece pura e simplesmente a seus instintos e o único que deseja é satisfazer seu amor pelo prazer; muito pouca atenção concede à existência de outros seres, a não ser que para ele sejam motivo de prazer ou de

dor. Nada sabe a respeito do amor abstrato da crueldade ou de qualquer daquelas viciosas tendências do ser humano que têm em si mesmas sua própria gratificação. Por isto o homem que numa besta se converte, tem um poder sobre a vida um milhão de vezes maior do que as bestas e aquilo que no animal é uma diversão ou suficientemente inocente, não refreada por uma divisa moral arbitrária, se converte para ele em vício, porque é gratificado em princípio. Além disso, lança todos os poderes divinos de seu ser nesta direção e degrada a sua alma, fazendo-a escrava dos seus sentidos. O deus deformado e disfarçado cuida do animal e o alimenta.

Considere-se, então, se é possível mudar a situação. O homem mesmo é rei do país no qual se observa tão estranho espetáculo. Permite ao animal usurpar o lugar do deus, porque no momento o animal agrada mais à sua imaginação real e caprichosa. Isto não pode durar sempre; porque consentir em que por mais tempo dure? Durante todo o tempo em que o animal domine, terão lugar os mais agudos sofrimentos em consequência da mudança da vibração entre o prazer e a dor, devido ao desejo de uma vida física prazenteira e prolongada. E o deus, nas suas funções de servente, concede a todo o anterior uma importância mil vezes maior, enchendo a vida física em muito maior grau com os prazeres mais refinados, raros, voluptuosos, estéticos e com uma intensidade de sofrimentos tão apaixonados, que não se conhece onde o prazer termina e onde a dor começa. Durante todo o tempo que o deus sirva, se enriquece a vida do animal e irá sendo cada vez mais valiosa. Mas que resolva o rei mudar a face da sua corte e lançar à força o animal do trono do estado, restabelecendo o deus no lugar da divindade.

Ah! Que profunda paz a que sobre o palácio desce! Tudo, na verdade, mudou. Já não existe ali a febre do pessoal anelo ou dos desejos; já não há ali nada que se rebele, nem miséria; a sede de prazeres ou o medo da dor já não existem. Não de outro modo uma grande calma sobre o tempestuoso oceano desce; não de outro modo a chuva suave do verão sobre a terra abrasada se difunde; não de outro modo o profundo estanque no meio dos tristes e abrasados labirintos da selva inóspita da vida.

Porém, há ainda mais que tudo isto. Não só é o homem mais do que um animal porque nele o deus reside, senão que é mais que um deus porque nele o animal existe.

Uma vez seguro o animal no seu devido lugar, no inferior, encontrar-vos-eis de posse de uma grande força até então nem suspeitada nem conhecida. O deus, como servo, aumenta num grau mil vezes maior os prazeres do animal: o animal, como servo, concede uma força mil vezes maior aos poderes do deus e da união, da relação devida entre estas duas forças em si mesmo; depende que o homem se mantenha erguido à maneira de um rei poderoso e possa erguer sua mão e levantar a barra da Porta de Ouro. Quando estas forças não guardam a proporção devida, então o rei é unicamente um voluptuoso coroado sem poder e cuja dignidade só causa riso, posto que os animais não divinos, pelo menos conhecem a paz e o vício e a desesperação não os dilaceram.

Eis aqui todo o segredo. Essa união é que faz o homem forte, poderoso e capaz de colher com suas mãos os céus e a terra. Não se imagine que se possa fazer facilmente. Não o engane a ideia de que o homem virtuoso ou religioso o logra. Nada disso. Eles não fazem mais que fixar um lema, uma rotina, uma lei, com o que têm o animal contido; o deus é obrigado a servi-lo até certo ponto e assim o faz, comprazendo-se com as crenças e adoradas fantasias dos religiosos, com o elevado sentimento do orgulho pessoal que faz as

delícias dos virtuosos. Estes vícios especiais e canonizados, são coisas demasiado baixas e miseráveis para serem possuídas pelo animal puro, cujo único inspirador é a mesma natureza, sempre fresca como a aurora. O deus no homem degradado é uma coisa inexpressível no seu infame poder de produção.

O animal no homem que se elevou, é uma coisa inconcebível quanto aos seus grandes poderes de serviço e de força.

Esquecei os que permitis que vosso animal viva meramente sujeito e mantido entre certos limites, que é uma grande força, uma porção integral da vida do mundo no qual viveis. Graças a ele, podeis mandar os homens e influir no mundo mesmo mais ou menos perceptivelmente, segundo vossa força.

O deus colocado no seu lugar devido, inspirará e guiará esta criatura extraordinária, educa-la-á e a desenvolverá para a por em ação e obrigá-la a reconhecer sua natureza com o que tremereis quando tenhais feito ideia do poder que em vós despertou. O animal por si mesmo será então um rei entre os animais do mundo.

Este é o segredo dos magos do mundo antigo, que obrigavam a natureza a servi-los, e verificavam milagres todos os dias para a sua conveniência. Este é o segredo da raça futura que Bulwer Lytton nos prognosticou.

Mas este poder unicamente pode ser obtido concedendo ao deus a soberania. Não consintais que vosso animal vos governe e deste modo jamais governará a outros.

EPÍLOGO

Oculto e escondida no coração do mundo e no coração do homem está a luz que pode iluminar toda a vida, o futuro e o passado. Não devemos, por acaso, ir em sua busca? Seguramente alguns devem fazê-lo e então, talvez, estes adicionarão o que falta a este pobre pensamento fragmentário.

DIARIO DE UM CHELA HINDU *

* Extrato do manuscrito de um discípulo.

Em dezembro chegou a Benares, onde julgava ele terminaria sua última peregrinação. Até o ponto que sou capaz de decifrar este manuscrito, curioso escrito numa mescla de Tamil, língua do meio dia da Índia e de Mahratta, o qual, como você sabe, é por completo diferente, demonstra que ele tinha feito muitas peregrinações aos lugares sagrados da Índia e se as fez por impulso próprio ou porque o impulsionavam para que as fizesse é coisa que eu não sei. Se ele tivesse sido tão só um indiano vulgar com sentimentos religiosos, poderíamos chegar a alguma dedução fundada, posto que, neste caso, as peregrinações podiam ter tido por objeto fazer méritos; mas como faz muito tempo que se deve ter elevado por cima das correntes floridas, mesmo dos Vedas, não podemos realmente dizer qual a razão que motivava estas viagens. Se bem, como você sabe, faz tempo que estou na posse destes papéis, os tempos não têm parecido suficientemente maduros para que vissem até agora a luz pública. Quando eu os recebi, ele fazia já largo tempo que tinha desaparecido destas cenas de ocupação e trabalho e partido para outras em que as ocupações são muito maiores; e agora lhe dou licença para publicar esta relação fragmentária, sem descrever sua pessoa. Estas pessoas, como você sabe, não se mostram dispostas a que circulem descrições referentes a elas mesmas. Sendo eles discípulos verdadeiros, jamais gostam de dizer que o são, o que é uma maneira de conduzir-se completamente contrária à daqueles famosos professores de ciência oculta, que, oportunamente ou não, declaram em altos brados seu suposto "celado".

.....

"... Por duas vezes, tinha eu visto já estes templos silenciosos que se levantam nas margens do Ganges sagrado. Eles não mudaram; mas para mim, que mudança tiveram! E, no entanto, isto não pode ser, porque eu não mudei; unicamente o véu que cobre, é, ou rasgado, ou permanece mais aderido, mais solidamente pregado para disfarçar a realidade...

"... Sete meses faz agora, desde que comecei a fazer uso do privilégio de escutar Kunâla. Antes, cada vez que ia vê-lo, o destino implacável me rechaçava. Era Carma, a lei justa, que obriga quando nós não queremos, o que me impedia. Se eu então me tivesse desanimado e voltado à vida, que mesmo nesse tempo permanecia tão longe no passado, meu destino nesta encarnação teria ficado resolvido e não me teria dito nada. Porque? Feliz era eu que conhecia que o silêncio não podia indicar nele nenhuma perda de interesse no meu bem estar, senão que unicamente o mesmo Carma prevenia a interferência. Muito depressa, depois da primeira vez que o vi, senti eu que não era ele o que parecia ser exteriormente. Depois o sentimento se desenvolveu, em pouco tempo, numa crença tão profunda, que quatro ou cinco vezes pensei em me lançar a seus pés e pedir-lhe que se revelasse a mim. Mas pensei que era inútil, pois sabia que era eu demasiadamente impuro para que me pudesse ser confiado um tal segredo. Pensava eu que permanecesse silencioso, ele me confiaria quando disso me considerasse digno. Julgava que devia ser um

grande Adepto Hindu que tinha assumido aquela forma ilusória. Mas quanto a isto, tropeçaria com uma dificuldade, porque sabia eu que recebia cartas de vários parentes que residiam em pontos diferentes e isto o teria obrigado a praticar a ilusão sobre todo o globo, porque alguns daqueles parentes estavam em outros países onde também ele tinha estado. Várias eram as explicações que eu a mim mesmo me sugeria ...

"...Tinha eu razão no meu conceito original de que Kunâla é algum grande Adepto Hindu. Deste assunto eu tenho falado constantemente com ele desde ...

...embora temo que nem sou nem serei jamais durante esta vida, digno da sua companhia. Minha inclinação tem permanecido sempre neste sentido. Sempre tenho pensado em me retirar deste mundo e em me consagrar à devoção. Com frequência tenho expressado esta intenção a Kunâla a fim de poder estudar esta filosofia que é a única que pode lavrar a felicidade de um homem neste mundo; mas então ele costumava me perguntar: que é o que faria eu *ali*, só? Ele diz que em vez de lograr meu objeto poderia talvez ficar louco, se permanecesse só, no deserto, sem ninguém que me guiasse; que eu era o suficiente inocente para julgar que indo à soledade encontraria um adepto e que se eu realmente desejava lograr meu objetivo, devia trabalhar na reforma, na qual, e por meio da qual, tinha encontrado tantos homens bons e a mim mesmo também e quando os Superiores, aos quais não me atrevo a mencionar por outros nomes, estivessem satisfeitos de mim, me chamariam fora do mundo me ensinariam privadamente. E quando eu toalmente lhe pedi muitas vezes me dissesse os nomes e as direções dalgum daqueles Superiores, me disse uma vez: "Disse-me um dos nossos irmãos que, como andas tanto atrás de mim, faria muito melhor dizendo-te de uma vez, que não tenho eu nenhum direito para te dar notícia alguma sobre Eles; mas se fores perguntando aos Hindus que encontras, o que sabem a respeito do assunto, podes adquirir dados e talvez um destes Superiores pode cruzar no teu caminho sem que o conheças e dizer-te o que deves fazer." Isto eram ordens e compreendi que devia esperar, compreendendo, no entanto, que unicamente por meio de Kunâla podia lograr meu desejo.....

"... Então perguntei eu a um ou dois de meus próprios patrícios e um deles me disse que tinha visto dois ou três de semelhantes homens, mas que não eram eles por completo, o que ele pensava que eram os *Raja Yogues*. Disse-me também que tinha ouvido falar de um homem que tinha aparecido várias vezes em Benare, mas que ninguém sabia onde vivia. Meu desânimo aumentou ainda mais, porém jamais perdi a firme confiança de que existem Adeptos, que vivem na Índia e que podem, contudo, encontrar-se entre nós. Sem dúvida alguma, existem também uns poucos em outros países; de outra maneira, por que Kunâla fora ter com eles?

"...A consequência de uma carta de Vischnurama, que dizia que um certo X * e que Swamiji K. o conheciam. Como quer que fosse, por certas razões eu não me podia dirigir a Swamiji K. diretamente e quando lhe perguntei se ele conhecia a X., respondeu: "Se depois de tudo, um tal homem ali existe, não é conhecido." Assim, e evasivamente, me respondeu em muitas ocasiões e vi eu que tudo quanto esperava de minha ida a Benares não era mais do que castelos no ar. Pensei que só tinha obtido o consolo de que estava cumprindo, eu, uma parte do meu dever. Assim é que escrevi de novo a Nilakant: "Tal como aconselhado por ti, eu não o deixei conhecer o que sabia dele, nem quais são as minhas próprias intenções. Ele parece pensar que nisto estou

trabalhando para fazer dinheiro e eu o mantenho na obscuridade no referente a mim mesmo e eu mesmo ando tateando pelas trevas. Esperando luz de ti, etc."...

* Foi-me impossível decifrar este nome.

"...O outro dia, Nilakant chegou subitamente aqui e os encontrei a ele e a Sw. K., juntos, quando, para minha surpresa, K., de pronto, mencionou a X., dizendo que o conhecia bem e que ele com frequência a ia ver e então ofereceu-se a nos levar lá. Porém, justamente quando nos íamos por a caminho, chegou um oficial inglês, que um tempo atrás tinha prestado um serviço a Kunâla, Ele ouvira falar algo de X. e permitiu-se-lhe ir conosco. Tais são as complicações do Carma. Era absolutamente necessário que fosse, embora, sem dúvida alguma, a sua educação europeia nunca lhe tivesse permitido aceitar mais do que em parte a doutrina do Carma, tão entrelaçada com o passado e o futuro de nossas vidas, presentes, passadas e futuras. Durante a conversação com X., não pude averiguar nada, e nos fomos. No dia seguinte, K. veio ver-nos. Ele não fala nunca de si mesmo senão "este corpo". Ele me disse que tinha estado primeiro no corpo de um faquir, que, tendo perdido sua mão por um disparo que recebeu enquanto passava pela fortaleza de Bhurtpore, teve de mudar seu corpo e escolher outro, aquele no qual atualmente permanecia. Um menino de uns sete anos estava morrendo naquela ocasião e antes que a morte física fosse completa, este faquir entrou no corpo, que usou depois como próprio. Ele não é, portanto, sem dúvida alguma, o que parece ser. Como Faquir, estudou a ciência da Ioga durante 65 anos; mas como aquele estudo foi interrompido quando sofreu a mutilação, impossibilitando-o para as funções que devia desempenhar, tinha-se visto obrigado a escolher seu outro corpo. No seu corpo presente tem 53 anos e, por conseguinte, o X. interno tem 118 anos."

Durante a noite o vi falar com Kunâla e soube então que cada um deles tinha o mesmo *Guru*, o qual é um muito grande Adepto, cuja idade é de 300 anos, embora não aparentando mais de uns 40. * Daqui a alguns séculos, entrará no corpo de um *Kshatriya* ** e fará algumas coisas bem grandes a favor da Índia; mas o tempo não chegou ainda.

* - Este fato nos lembra as relações acerca de Cagliostro, St, Germain e outros Adeptos, onde se considera a idade aparente como 40 anos.

** - A raça guerreira da Índia.

"Ontem fui visitar com Kunâla os templos, tão vastos como curiosos, que aqui nos deixaram nossos antepassados. Alguns são tão só ruínas, outros apresentam unicamente os estragos do tempo. Que diferença entre minha apreciação atual destes edifícios, com Kunâla para me indicar significações que dantes eu não via e aquela que tinha quando os vi durante a minha primeira peregrinação feita há tantos anos com meu pai!"...

Uma grande porção do manuscrito, embora escrita com os mesmos caracteres do resto, foi evidentemente alterada pelo autor, de modo que só para ele fosse inteligível. Com algum esforço pode ser decifrado, mas eu devo respeitar seu desejo e manter invioláveis todas aquelas porções que estão assim mudadas. Ao parecer, se referem a segredos, ou ao menos a coisas que ele desejava que não fossem compreendidas à primeira vista. De modo que só transcreverei uma pequena porção sem quebrar confidências de espécie alguma.

Claro se vê que tinha estado já antes na cidade santa de Benares e que tinha visto

meramente como lugar de peregrinação para os devotos. Nesse tempo, para ele, aqueles templos famosos eram tão só templos. Mas na atualidade ele via, sob a instrução de Kunâla, que cada um dos edifícios realmente antigos na coleção, tinham sido construídos com o objeto de apresentar na pedra os símbolos de uma antiquíssima religião. Disse ele que Kunâla lhe dissera que, embora os templos fossem construídos quando o vulgo daquelas épocas, de modo algum podia supor que existissem nações, um dia, que ignorassem as verdades então conhecidas universalmente ou que as trevas envolvessem as inteligências, existiam, no entanto, naquele tempo, Adeptos que eram bem conhecidos pelas autoridades e pelo povo. Ainda não tinham sido arrastados pelo destino inexorável a lugares apartados da civilização, viviam então nos templos e embora não tivessem nenhum poder temporal, exerciam uma influência moral que era muito maior do que nenhuma soberania na terra. * E eles sabiam que chegariam os tempos em que a influência funesta da idade negra faria esquecer durante longo tempo aos homens que semelhantes seres tivessem existido ou qualquer doutrina distinta da doutrina material, fundada no *meu* e no *teu*, tivessem sido praticadas. Se os ensinamentos tivessem sido confiados simplesmente ao papel, papiro ou pergaminho, com facilidade se teriam perdido por causa do deterioramento inerente a toda a membrana, seja animal ou vegetal. Mas a pedra num clima benigno dura épocas inteiras. Assim é que estes Adeptos, alguns dos quais eram Maha-Rajahs, * realmente fizeram construir os templos em formas tais e com tais símbolos de ornamentação, para que as raças futuras pudessem decifrar as doutrinas contidas nos mesmos. Nisto, diz ele, se demonstra grande sabedoria, pois se as tivessem esculpido em forma de sentenças na linguagem prevalecente daquele tempo, não teriam logrado o objetivo, desde o momento em que as linguagens também mudassem e teria resultado uma confusão tão grande como a que tem originado os hieróglifos egípcios, a menos que uma chave tivesse sido preparada também; mas esta última também se poderia perder ou converter por sua vez em ininteligível. As ideias que existem sob os símbolos não se alteram, seja qual for a linguagem e os símbolos são a todas as luzes imortais, posto que se encontram na própria natureza. A respeito desta parte do assunto, ele escreve que Kunâla lhe disse que a linguagem então usada não era o sânscrito, senão outro muito mais antigo e hoje completamente desconhecido para o mundo.

* Na antiga civilização Asteca do México, a ordem Sacerdotal era muito numerosa. Tinha como cabeças dois sumos sacerdotes eleitos pela ordem, considerados somente pelas suas qualidades. Eram iguais em dignidade e só inferiores ao soberano, que raras vezes agia sem pedir-lhes conselho em questões importantes. (Sahagún. Hist. da Nova Espanha, liv. 2: liv. 3: c. 9 - Torg. Mong. Ind., liv. 8: cap. 20: liv. 9: cap. 3. 56; citado por Prescott em vol. 1: Cong. Mex. p. 66). - (E. D.)

* Gran-Rei.

De um parágrafo isolado do manuscrito se depreende que Kunâla fez referência a um curioso edifício existente noutra parte da Índia, visível hoje e que data de muitos anos, com o qual ilustra a diferença que existe entre a construção inteligente e a não inteligente. Este edifício foi devido a um Chandala, * que se fez rico graças a uma circunstância interessante. A um certo rajá disseram seus astrólogos que devido a certo sucesso futuro, devia dar uma soma imensa de dinheiro à primeira pessoa que visse no dia seguinte, esperando eles próprios apresentar-se muito cedo. No dia seguinte, o rajá levantou-se muito mais cedo

que de costume, olhou pela janela e viu o Chandala. Convocando seus astrólogos juntamente com seu conselho e o pobre varredor, entregou a este último um tesouro imenso e com esta soma o Chandala construiu um edifício de granito, no qual figuram umas enormes correntes monolíticas que se acham presas aos seus quatro cantos. O único simbolismo que encerra é a representação do destino pelas cadeias: a passagem de uma espécie ínfima a um estado de elevação e de riqueza. Sem a história, o edifício nada nos diz.

Mas os símbolos do templo, não só os que nele figuram esculpidos senão a relação que existe entre os mesmos, não precisam de nenhuma história nem conhecimentos, nem de acontecimentos históricos de nenhuma espécie. Tal é, em substância, o que ele escreve a respeito do que Kunâla lhe disse. Também diz que este simbolismo se estende além das doutrinas e a cosmologia, às leis da constituição humana, tanto espiritual como material. A explicação disto se acha contida nas porções alteradas e críticas do manuscrito. Depois continua:

"... Ontem, justamente, depois do sol posto, enquanto Kunâla pareceu entrar, de repente, numa condição, normal e uns dez minutos depois, uma grande quantidade de flores malva, caiu sobre nós do teto.

* Nome de espécie inferior (um varredor). Este edifício pode ver-se em Bijapur, Índia.

"Eu devo ir agora a... e fazer o que ele me mandou que fizesse. Meu dever é o suficientemente claro; mas como posso saber se o cumprirei cabalmente... Quando estava lá e depois que terminei meu trabalho e estava me preparando para voltar aqui, encontrei-me com um faquir vagabundo, que me perguntou se podia ensinar-lhe o caminho que conduz a Karli. Eu lhe indiquei e então me fez algumas perguntas que pareciam indicar saber quais eram meus assuntos; tinha também uma expressão de olhar muito significativa e várias de suas perguntas iam como encaminhadas com a intenção de subtrair-me algumas coisas que Kunâla me tinha dito em segredo antes de sair de Benares. As perguntas não iam diretamente, mas a sua natureza era tal que, se não tivesse tido eu o maior cuidado, teria violado o segredo. Ele então deixou-me, dizendo: "Tu não me conheces, porém nos veremos um a outro..." Voltei a última noite e vi unicamente a X. a quem referi o incidente com o faquir e me disse que "este não era outro senão o próprio Kunâla que, fazendo uso do corpo do faquir, tinha dito aquilo e se visses novamente aquele faquir, nem se lembraria de ti, nem seria capaz de repetir suas perguntas, pois Kunâla tinha-se apoderado dele naquela ocasião; coisas que Kunâla costuma fazer com frequência. "Eu perguntei-lhe, então, se, naquele caso, Kunâla tinha entrado realmente no corpo do faquir; a resposta era que não, mas que se minha pergunta se referia a se Kunâla tinha vencido e subjugado os sentidos do faquir, substituindo-os pelos seus próprios, a resposta era que sim: deixando-me entregue às minhas próprias reflexões...

"Ontem fui o suficientemente afortunado para que se me ensinasse o processo que se segue, ou bem para entrar num corpo vazio, ou bem para usar um que possua já seu ocupante. Vi que o processo era o mesmo em ambos os casos e me ensinaram também que um Bhut * emprega o mesmo procedimento para apoderar-se do corpo ou dos sentidos daquelas desgraçadas mulheres do meu país que algumas vezes são tomadas por Bhuts. E também algumas vezes o Bhut se apodera de uma parte do corpo da pessoa obsedada, tais como um braço ou uma mão e isto o fazem influenciando aquela porção do cérebro que está em relação com aquele braço ou mão: e o mesmo acontece corri a língua e outros órgãos

da palavra. A ninguém senão a Kunâla teria eu permitido empregar meu próprio corpo para a experiência. Mas eu me sentia perfeitamente seguro de que não só me devolveria a meu corpo, senão que, além disso, não permitiria a nenhum intruso já homem já gandarva, ** penetrar no mesmo depois dele; fomos à..... e ele A sensação era que eu de repente tinha entrado em liberdade. Ele permanecia ao meu lado e, momentaneamente, pensei que não tinha feito outra coisa senão começar. Mas ele me indicou que olhasse e vi na cama meu próprio corpo em aparência inconsciente. Enquanto... olhava meu próprio corpo, abriu seus olhos e se levantou; era então superior a mim, porque o poder vitalizador de Kunâla o movia e dirigia. Até parecia falar-me. Em torno dele mesmo, atraídas a ele por aquelas influências magnéticas, revolteavam e se moviam formas astrais, que em vão procuravam sussurrar-lhe ao ouvido ou penetrar nele pelo mesmo caminho, Em vão! Pareciam rechaçadas pelo ar ou aquilo que rodeava Kunâla. Ao voltar-me para olhá-lo, esperando vê-lo num estado de samadhi, *** o vi sorrindo tranquilamente, uma porção tão só do seu poder lhe faltava... outro momento e eu era de novo eu mesmo, a cama estava fria, os bhuts tinham desaparecido e Kunâla me fez levantar.

* Um cascão astral que obsessiona. Os Hindus os consideram como restos (astrais) dos defuntos.

** Espírito da Natureza ou Elemental.

*** Éxtases transcendente. - (N. do T.)

"Ele me tem dito que vá às montanhas de... onde... e, ... geralmente vivem e que embora não visse eu ninguém a primeira vez, o ar magnetizado no qual eles vivem me faria muito bem. Eles não se detêm, em geral, num lugar, vão sempre de um ponto a outro. No entanto, todos eles se reúnem certos dias do ano, num certo lugar próximo a Bhadrinath, situado na Índia do Norte. Ele me lembrou que, à medida que os filhos da Índia se tinham tomado mais e mais perversos, aqueles Adeptos se tinham ido retirando cada vez mais para o Norte, para os montes Himalaias... De que grande consequência é para mim o estar sempre com Kunâla! E agora X. me diz o mesmo que eu tenho sentido sempre. À medida que o tempo transcorre, tenho sentido e cada vez sinto com mais evidência que eu fui numa existência anterior seu discípulo mais humilde e obediente, Todas as minhas esperanças e planos futuros se acham, portanto, concentrados nele. Em consequência, minha viagem à montanha produziu-me um bem, o de dar maior força à minha crença, e que é o fundamento principal sobre o qual tem de ser construída a grande estrutura... Enquanto estava eu passeando mais além do final do dique de Ramolinga, que tem uma pequena lâmpada de construção europeia e não fazendo vento algum, por três vezes distintas a luz diminuiu de intensidade. Eu não me podia explicar o porque; tanto Kunâla como X., se encontravam muito longe. Num momento, a luz subitamente brotou com toda força e ao deter-me, a voz do meu venerado Kunâla, a quem supunha eu estar muitas milhas distante, falou-me e o encontrei ali. Falamos durante uma hora, e deu-me muitos conselhos bons sem que eu lhes pedisse; assim acontece sempre quando eu, intrepidamente, me lanço adiante sem pedir nada: recebo ajuda no momento crítico; ele então me abençoou e retirou-se sem que me atrevesse a olhar em que direção. Durante aquela conversação, falei eu da luz que se apagava, pedindo uma explicação; porém ele me disse que eu não tinha nada que ver com aquilo. Disse-lhe então que desejava sabê-lo, pois podia explicá-lo de duas maneiras, a saber: 1º, que ele

o fez por si mesmo; ou 2º, que alguém o tinha feito por ele. Replicou ele que mesmo quando alguém o tivesse feito, *nenhum logue faria coisa alguma, a não ser que ele veja o desejo na mente de outro logue*. * A significação disto tirou-me completamente o desejo de saber *quem* o fez, já fosse ele mesmo, um elemental ou outra pessoa, posto que é de muito mais importância para mim conhecer só uma porção das leis que governam um tal fenômeno, do que saber quem pôs estas leis em ação. Também alguma correlação cega da natureza podia produzir semelhantes forças naturais, de acordo com as mesmas leis; assim é que o conhecimento daquilo que a natureza produziu, não seria, depois de tudo, conhecimento de nenhuma espécie de consequência.

* Esta sentença é de grande importância. A mente ocidental se compraz muito mais com efeitos, personalidades e autoridade do que em buscar causas, ou mesmo que muitos Teosofistas que com persistência têm buscado saber onde e quando Mme. Blavatsky levou a cabo algum feito ou magia, em vez de encontrar as causas ou leis que governam a produção dos fenômenos. Esta fase frisada é a chave de muitas coisas para aqueles que possam ver.

"Sempre tenho sentido e ainda sinto com maior evidência, que eu estudei algum tempo esta filosofia sagrada com Kunâla e que eu devo ter sido, nalguma vida anterior, seu discípulo mais obediente e mais humilde. Isto deve ter sido um fato, pois não posso explicar os sentimentos que se originaram em mim, quando pela primeira vez o encontrei, posto que nenhuma circunstância especial nem notável se relacionou com aquele sucesso. Todas as minhas esperanças e os meus planos se acham concentrados nele e nada no mundo pode destruir minha confiança nele, especialmente quando vários dos meus amigos brâmanes me dizem as mesmas coisas sem consulta prévia.

"Ontem fui à grande festa de Durga e quase todo o dia passei contemplando a grande multidão de homens, mulheres, crianças e mendigos com a esperança de encontrar alguns dos amigos de Kunâla, porque, segundo ele me disse uma vez, não devia eu nunca ter a certeza de que eles não estivessem perto de mim; mas não encontrei ninguém que parecesse responder às minhas ideias. Estando eu de pé na escadaria que desce ao rio, pensando em que, talvez, se tratava de por em prova minha paciência, um Bairagi velho e na aparência muito decrépito puxou-me da manga e disse: "Não esperes jamais ver nenhum, porém, conserva-te sempre disposto a responder se eles te falam; não é próprio olhar fora de ti mesmo em busca dos grandes sequazes de Vassudeva: olha mais para dentro."

Isto me surpreendeu, pois esperava que ele me perguntasse ou pedisse algo. Antes que tivesse passado minha surpresa, ele deu uns passos e confundiu-se num grupo de pessoas e procurei-o em vão: tinha desaparecido. Mas a lição não se perdeu.

"Amanhã volto a I ...

"Muito trabalhoso foi, na verdade, num sentido corporal, o trabalho da semana última, e especialmente o da última noite e ao deitar-me, a noite passada, depois de ter estado trabalhando até muito tarde, cai de repente num profundo sono. Teria dormido mais ou menos uma hora ou duas, quando acordei em sobressalto, encontrando-me em soledade perfeita, perturbando-a tão só os desagradáveis uivos dos chacais que ressoavam nos bosques. A lua brilhava resplandescente; dirigi-me à janela desta casa à europeia, abri-a e olhei para fora. Vendo que o sono me tinha

abandonado, comecei outra vez com aquelas folhas de palmeira. Apenas tinha começado quando um golpe de vento chamou minha atenção e abri a porta. Muito contente fiquei ao ver Kunâla, a quem via mais uma vez sem o esperar.

- "Põe o turbante e vem comigo" - disse; e voltou-se. "Calçando as sandálias e pondo o turbante, lancei-me atrás dele, temeroso de que o mestre me deixara atrás, perdendo assim alguma boa oportunidade.

"Ele andou na direção do bosque e tomou um caminho pouco frequentado. Os chacais pareciam retroceder e manter-se à distância; aqui e acolá, nas mangabeiras que cruzavam suas ramas sobre nossas cabeças, as raposas volantes se lançavam de um lugar a outro e ao mesmo tempo distinguia o singular estalido da serpente assustada que se punha em fuga por entre as folhas caídas. Não tinha o menor medo, pois o mestre estava na minha frente. Por fim, chegou a um lugar que parecia desnudo de arvoredo e, inclinando-se, pareceu oprimir a rocha com suas mãos. Vi, então, um alçapão ou entrada a uma escada construída de um modo curioso, que descia às profundidades da terra. Ele desceu e eu o segui. A porta fechou-se atrás de mim, mas, no entanto, não reinava a escuridão, havia sobra de luz. De onde, porém, procedia é coisa que não me preocupei de averiguar nessa ocasião e nem posso dizê-lo agora. Lembrou-me os antigos contos fantásticos de minha juventude, nos quais se fala de peregrinos descendo ao país dos devas, plenamente iluminado, apesar de não se ver nele sol algum.

"Ao pé da escada havia um passadiço. Ali vi várias pessoas, porém não me falaram nem sequer pareciam ver-me, apesar dos seus olhos se dirigirem para mim. Kunâla nada disse, andando até a extremidade, na qual havia uma habitação onde estavam muitos homens que pareciam tão grandes como ele parece ser, e, além destes, outros cujo aspecto era mais imponente, um dos quais permanecia sentado no fundo do aposento."

Aqui há uma massa confusa de símbolos e de algarismos que confesso não poder decifrar, e mesmo que pudesse, não o faria porque suponho que é seu modo de anotar para sua própria lembrança, daquilo que se passou naquela habitação. Nem creio também que, lendo-a, daria a menor ideia a ninguém, a não ser ao seu próprio autor, pela simples razão de que é completamente fragmentária. Por exemplo, encontro, entre outras coisas, uma espécie de anotação de uma divisão de estados ou planos; visão de consciência ou de vida animada ou elemental, não o posso dizer; e em cada divisão existem hieróglifos, que podem ser animais ou pessoas do mundo astral ou qualquer outra coisa, talvez ideias tão só: assim é, que continuarei falando a respeito da sua volta.

"Uma vez mais entrei no passadiço, porém de modo algum me recorde que subisse aquelas escadas e um momento depois permanecia eu à minha porta. Tudo estava como o havia deixado e em cima da mesa encontrei as folhas de palmeira, tal qual as tinha colocado, com a exceção de que ao lado das mesmas havia um bilhete de Kunâla que dizia:

"Nilakant, não trates de pensar em excesso profundamente nestas coisas que acabas de ver. Permite às lições que penetrem profundamente em teu coração e produzirão seu fruto apropriado. Amanhã te verei... "

"Que felicidade tão grande é a minha em gozar da companhia de Kunâla durante tantos dias, mesmo quando fomos à ... ! No entanto, foram muito raras suas palavras para me animar e me dar bons conselhos a respeito do modo como me devia conduzir. Parece abandonar-me para que eu siga meu próprio caminho. Creio que isto é justo, porque, a não ser assim, jamais se alcançaria a força individual e o poder de análise. Felizes eram aqueles momentos quando, sozinhos, à meia noite, estávamos em conversação. Quanta verdade encontrei então nas palavras do *Agroushada Parakshai!*

"Escutai: enquanto o Sudra dorme à maneira do cão debaixo da sua casinha, enquanto o Vaisia sonha nos tesouros que está amontoando, enquanto o Rajá dorme no meio de suas mulheres, este é o momento em que os homens justos, que não se acham sob o domínio da carne, começam o estudo das ciências." *

* Veja-se o *Agroushada Parakshai*, liv. 2º Diálogo 23.

"A hora da meia noite deve possuir poderes de uma natureza peculiar. Ontem aprendi por ter lido um livro inglês, que mesmo estes semi-bárbaros falam desta hora como a "hora dos feitiços" e tenho sabido que entre eles, "feiticeiro" significa possuir poder mágico...

"Detivemo-nos na Posada em B... ontem à noite, mas encontrando-a ocupada, ficamos no limiar para passar a noite. Uma vez mais, tive a felicidade de fazer uma visita com Kunâla a alguns amigos seus a quem venero e de quem espero bênçãos também.

"Quando todo mundo tinha ido descansar e tudo estava tranquilo, me disse que fosse com ele ao mar, que não estava muito longe. Andamos cerca de três quartos de hora pela praia e depois pareceu como se entrássemos no mar. No começo senti um ligeiro temor, porém vi que ali parecia existir um caminho, embora a água nos rodeasse. Ele na frente e eu atrás dele, andamos uns sete minutos, chegando a uma pequena ilha; existia nela um edifício e por cima do mesmo uma luz triangular. Da praia, a ilha deveria parecer um penhasco isolado, coberto completamente de matas verdes. Existe só uma entrada para entrar no interior e ninguém pode encontrá-la a não ser que o ocupante deseje que aquele que busca encontre o caminho. Tivemos de andar rodeando a ilha durante algum tempo antes de chegarmos à frente do edifício atual. Na frente do mesmo, existe um pequeno jardim, no qual estava sentado outro amigo de Kunâla, em sua mesma expressão de olhos e também reconheci nele um dos que estavam no aposento subterrâneo. Kunâla sentou-se e eu permaneci ante eles. Estivemos uma hora ali e visitamos parte do lugar. Que agradável que é! No interior há um quarto, no qual deixa o corpo quando parte para outros lugares. Que lugar tão encantador e que deliciosos perfumes de rosas e outras flores! Muito gostaria visitar, com frequência, este lugar. Mas não posso comprazer-me em sonhos frívolos, nem naquela espécie de anelo. O dono da casa me abençoou, pondo sua mão sobre minha cabeça e voltamos para a Posada, encontrando-nos com a manhã cheia de lutas e tropeções com homens que não vêm a luz, nem ouvem a grande voz do futuro. Estão escravizados à miséria porque se acham firmemente aderidos aos objetos sensuais. Mas todos eles são meus irmãos e eu devo procurar fazer o trabalho do mestre, o qual é de fato e unicamente a obra do Ego Real, que é o

Todo no Todo."

"Tenho seguido as prescrições daquela mensagem que recebi justamente à minha volta do subterrâneo, a respeito de não pensar profundamente em excesso no que ali vi e deixar que as lições se imprimissem profundamente no meu coração. Pode ser certo, mas deve sê-lo, que no nosso desenvolvimento passamos por períodos nos quais se deve conceder repouso ao cérebro físico, pois como máquina menos compreensiva do que aquilo que dizem os professores do Colégio inglês, que é para que tenha tempo de assimilar o que tenho recebido, enquanto que, ao mesmo tempo, o cérebro real, ao qual podíamos chamar cérebro espiritual, segue tão ocupado como sempre desenvolvendo os pensamentos que recolhe do cérebro físico. Sem dúvida, que isto é o contrário do que diz esta ciência moderna e da qual tanto ouvimos falar agora, que se introduziu por toda a Ásia, mas no meu modo de ver, é perfeitamente lógica.

"Voltemos a considerar a situação. Eu fui com Kunâla àquele lugar subterrâneo e ali vi e escutei as coisas mais instrutivas e solenes. De volta à minha habitação, comecei a fazer uma confusão sobre todas elas e volvê-las a revolvê-las na minha mente, com o objetivo de pô-las em claro e ver o que elas podiam significar. Mas me vejo interrompido por uma nota de Kunâla, na qual me diz que cesse na minha preocupação e deixe que tudo quanto vi se grave profundamente no meu coração. Cada uma de suas palavras as ouço eu com respeito, e as considero como dotadas de uma significação e como jamais empregadas por ele sem mais nem menos. Assim é, que, quando ele me diz que as deixe que se gravem no meu "coração", na mesma sentença na qual se refere à minha porção pensante, a mente, ele deve pretender significar a separação do meu coração, da minha mente, para dar ao coração um poder muito maior,

"Obedeci o conselho e procurei até o ponto em que era possível, esquecer o que vi e me preocupava, pensando em outras coisas. Quando, poucos dias depois, pensando uma tarde num episódio referido no *Vishnu Purâna*, * olhei uma casa antiga pela qual passava e parei para examinar um emblema curioso que figurava no vestíbulo; ao fazer isto, me pareceu como se o emblema, a própria casa, ou a circunstância mesma, não obstante sua significação, abriam de repente várias saídas a diversas correntes de pensamento a respeito do subterrâneo, aclarando-o tudo, demonstrando-me a conclusão, de um modo tão vivido e concludente como se se tratasse de uma proposição completamente ilustrada; isto produziu-me um intenso prazer. Agora podia eu perceber, com clareza, que aqueles poucos dias que pareciam, talvez, perdidos por não os ter empregado na contemplação daquela cena e de suas lições, tinham sido usados com vantagem pelo homem espiritual para desenredar a meada confusa, enquanto que o tão ponderado cérebro tinha permanecido ocioso. De todos os modos, o *relâmpago* veio, e com ele o conhecimento. ** Mas eu não devo depender de semelhantes relâmpagos; eu devo dar ao cérebro e ao seu governante o material com o qual ter de trabalhar

* Antigo livro Hindu, cheio de narrações e doutrinas.

"A noite passada, justamente quando me ia deitar, a voz de Kunâla me chamou de fora e saí em seguida. Olhando-me fixamente, disse-me: "Desejávamos ver-te"; e, à medida que falava, mudou gradualmente, ou desapareceu, ou foi absorvido na forma de outro homem, cuja face e cujos olhos inspiravam temor, tendo sua forma aparentemente se levantado do material do corpo de Kunâla. Ao mesmo tempo, outros dois estavam ali, vestidos com traje

tibetano; um deles entrou no meu quarto do qual tinha eu saído. Depois de o saudar respeitosamente, e não conhecendo as suas intenções, disse eu o que parecia de maior importância.

** Estes relâmpagos de pensamentos não são desconhecidos nem no mundo científico, pois num momento, tal, foi revelado a um sábio inglês que devia existir ferro no sol: Edison assim e que adquiriu suas ideias.

- "Tendes vós alguma ordem que me dar?"

- "Sim, há que dar-tes, já te se as dirão sem que perguntes, - contestou; - permanece onde estás.

Então começou a olhar-me fixamente. Experimentei uma sensação muito agradável, como se fosse saindo do meu corpo. Não posso dizer agora quanto tempo passou entre aquilo e agora em que escrevo isto. Mas eu vi que estava num local peculiar. Era o extremo superior de ... ao pé da cordilheira ... Era um ponto no qual havia unicamente duas casas, justamente em frente uma da outra e nenhum outro sinal de habitação; de uma delas saiu o ancião Faquir que vi na festa de Durga; mas, como estava mudado! Era, no entanto, o mesmo, naquela ocasião tão velho, tão repulsivo; e agora, tão jovem, tão glorioso e belo; ele sorriu bondosamente e disse-me:

As mesmas palavras do pobre Faquir! "Ele, então, ordenou-me que o seguisse.

"Depois de andar uma curta distância, meia milha mais ou menos, chegamos a um passadiço subterrâneo natural que se acha por baixo da cordilheira... O caminho é muito perigoso; o rio.... se precipita por baixo da terra com toda a fúria que a inclinação lhe dá e existe uma calçada natural pela qual se pode passar, mas só uma pessoa de cada vez e basta um passo em falso para decidir o destino do viajor. Além desta calçada, tem que se atravessar vários vales e depois de andar uma distância considerável por esta passagem subterrânea, chegamos a uma planura aberta em L. .. k. Ali existe um maciço edifício que conta milhares de anos. Em frente do mesmo, figura uma enorme Tão Egípcia. O edifício repousa sobre sete grossas colunas, cada uma delas em forma de pirâmide. A porta de entrada tem um grande arco triangular e no interior existem vários departamentos. O edifício é tão grande que creio poderia conter facilmente vinte mil pessoas. Algumas das habitações foram-me ensinadas.

"Este deve ser o lugar central para todos aqueles pertencentes à classe... aonde têm que ir para a iniciação e permanecer o período requerido.

"Então entramos em um grande recinto com meu guia à minha frente. Sua forma era a de um jovem, porém em seus olhos brilhava o olhar dos séculos... A grandeza e a serenidade do lugar enchem o coração de temor. No centro figurava o que nós outros chamaríamos um altar; mas deve ser unicamente o ponto de onde se difunde todo o poder, intenção, sabedoria e influência da assembleia. Porque o sólio, lugar ou trono, que ocupava o principal... o mais alto... estava rodeado por uma glória indescritível, constituída por uma refulgência que parecia irradiar daquele que o ocupava. Naquilo que rodeava o trono não havia esplendidez alguma, nem aquele lugar estava, de maneira alguma, adornado; toda a magnificência era por completo devida ao aura que emanava daquele que ali permanecia sentado. E me pareceu que via sobre a sua cabeça três triângulos de ouro suspensos no ar. Sim, ali estavam e pareciam brilhar com resplendor que não era da terra e que demonstrava sua origem inspirada. Mas nem eles, nem a luz que enchia aqueles ambientes,

eram produzidos por nenhum meio artificial. Ao olhar em torno de mim, vi que outros tinham um triângulo; alguns, dois, e todos brilhavam com aquela luz peculiar e resplandecente."

Aqui vem, outra vez, uma massa de símbolos. Vê-se que, justamente naquele lugar, deseja anotar com cifras aqueles detalhes da iniciação que desejava recordar. E eu devo confessar que me não considero competente para elucidar sua significação. Isto deve ser abandonado às possíveis experiências futuras em nosso caso,

.....

"Dia 14 da lua nova. Os sucessos da noite no recinto da iniciação têm me dado muito que pensar. Era um sonho? Engano-me a mim mesmo? Teria imaginado eu tudo isto? Tais eram as desditosas perguntas que, uma atrás da outra, cruzavam a minha mente durante os dias posteriores, Kunâla não faz referências ao assunto, e eu não lhe posso perguntar nem o quero tampouco fazer. Estou decidido, suceda o que suceder, a encontrar por mim mesmo a solução, ou que se me conceda voluntariamente,

"De que utilidade serão para mim todos os ensinamentos e todos os símbolos, se não posso elevar-me àquele plano de conhecimento penetrante, por meio do qual, eu deverei, por mim mesmo, chegar a ser capaz de resolver este enigma e aprender a distinguir o verdadeiro do falso e do ilusório? Se eu sou incapaz de pôr termo de uma vez a estas dúvidas acabrunhadoras, ou estes laços de ignorância, é prova de que não me elevei ainda ao plano que existe por cima destas dúvidas ... A última noite, depois de ter estado todo o dia lançando do meu céu mental estas velozes destruidoras da estabilidade, estas aves mentais, deitei-me na cama, caindo nos meus ouvidos as palavras seguintes:

- "A ansiedade é o inimigo do saber ou é a maneira de um véu que cai ante o olho da alma; continua alimentando-a e o véu aumentará em espessura; arrojada de ti e o sol da verdade dissipará o véu de nuvens."

"Admitindo aquela verdade, decidi terminar com toda classe de ansiedades. Sabia eu bem que aquela proibição vinha das profundezas do meu próprio coração, porque aquela era a voz do Mestre e a confiança na sua sabedoria e a natureza das mesmas palavras, que por si mesmas se recomendavam, impeliavam-me a ter plena confiança no conselho. Apenas tinha formado a resolução, quando senti cair sobre meu rosto algo que no mesmo instante colhi. Acendendo uma lâmpada, vi uma nota com a letra que tão bem conhecia. Abrindo-a, li:

"Nilakant: Não era sonho. Tudo era real e mais do que não podia ser retido pela tua consciência, no teu estado desperto, teve lá lugar. Reflexiona sobre isto, a respeito da realidade e da mais ligeira circunstância deduz a lição que seja e todos os conhecimentos que possas. Não esqueças jamais que o teu progresso espiritual procede com frequência dum modo completamente desconhecido para ti. Dois dos muitos obstáculos que se opõem à memória são a ansiedade e o egoísmo. A ansiedade é uma barreira construída com materiais grosseiros e violentos. O egoísmo é uma obscuridade flamígera que queimará a matriz da memória, a tranquilidade pacífica do contentamento e a chuva vivificante da benevolência." *

* O estudante solícito recordará que Jacob Boehme fala da "grosseira e violenta angústia da natureza, que é o princípio que produz os ossos e toda corporificação". Do mesmo modo,

aqui, parece ser que o mestre diz ao afortunado cheia que no mundo espiritual e mental, a ansiedade, grosseira e violenta, levanta ante nós um véu que nos impede usar nossa memória. Refere-se, com certeza, à outra memória que está por cima da ordinária. A correção e valor do dito deve admitir-se, ao refletir que, depois de tudo, o inteiro processo de desenvolvimento é o processo de *recobrar a memória do passado*. E, além disso, o ensinamento se acha no Budismo puro, o mesmo que na sua forma corrompida.

Aqui omito, o mesmo que em outras ocasiões, meros apontamentos de viagens e coisas de pouca importância, provavelmente sem interesse.

"Ao passar o mês último pelas colinas próximas a V ... , senti-me irresistivelmente atraído a examinar um edifício deserto, que, no começo, pensei que fosse um celeiro ou algo parecido. Era de pedra, quadrado, sem aberturas, janelas, nem porta alguma. Pelo seu aspecto exterior, podia tomar-se como ruínas de uma robusta base para algum antigo edifício, fortaleza ou torre. Kunâla não estava longe e, contemplando-o por último, perguntou-me que pensava eu do mesmo. Só pude dizer que, embora parecesse sólido, julgava-o oco.

- "Sim, - disse-me ele - está oco. É um dos lugares construídos num tempo pelos logues, para sumir-se no profundo êxtases. Usado por um chela (discípulo), seu mestre vela sobre ele mesmo, a fim de que ninguém possa entrar. Mas quando um adepto o necessita para deixar nele seu corpo, enquanto viaja na sua forma real, embora para alguns invisível, se adotam com frequência outros meios de proteção, que são, por certo, tão seguros como o é a presença do mestre para o discípulo."

- "Bem, - disse eu - naturalmente agora não deve haver ali dentro corpo algum de ninguém."

- "Não deduzas nem isto, nem outra coisa qualquer. Pode estar ocupado e pode não estar."

"Então prosseguimos nossa viagem e falou-me da benevolência, não só dos logues Brâmanes como também dos Budistas. O discípulo verdadeiro não deve observar diferença alguma em nenhum outro discípulo que talvez pertence a outra crença. Todos vão atrás da verdade. Os caminhos diferem mas a meta de todos eles é a mesma." ,

"Repetido três vezes: O tempo amadurece e dissolve a todos os seres no grão. *Mesmo*, mas aquele que conhece em que tempo ele mesmo é dissolvido, é o conhecedor do Veda.

"Que é o que tem de ser compreendido, não só por isto, mas por ser repetido três vezes?

"Lá havia três altares. Sobre a porta existia uma pintura, que eu vi durante um momento e que por um momento pareceu resplandecer com uma luz como se fosse fogo. Impressa sobre minha mente, seus contornos aumentaram; depois desapareceu, logo que passei o umbral. Estando dentro, de novo sua imagem se apresentou ante meus olhos. Parecendo atrair-me, desvaneceu-se e depois voltou de novo. Permaneceu impressa em mim; parecia imbuída com vida e intenção de apresentar-se para minha própria crítica. Quando comecei a analisá-la, começou a desvanecer-se e depois, quando temia eu não cumprir com o meu dever ou não ser respeitoso para com aqueles seres, voltou como para pedir atenção. Eis aqui sua descrição:

"Um coração humano que tem em seu centro uma pequena centelha; a centelha se estende e o coração desaparece, enquanto que uma profunda pulsação parece passar através de mim. De repente, a identidade é confusa, eu me agarro a mim mesmo; de novo o coração reaparece com a centelha que aumentou até converter-se num grande espaço flamígero. Uma vez mais aquele movimento profundo; depois, sons (sete); eles se desvanecem. Tudo isto é uma pintura? Sim! Porque naquela pintura há vida; nela pode existir inteligência. É semelhante àquela pintura que eu vi no Tibet, quando fiz minha primeira viagem, na qual a lua vivente se levanta e passa ante a vista. Onde estava eu? Não, não depois! Era no recinto. Outra vez aquele som onipenetrante. Parece levar-me à maneira de um rio. Depois cessou: um som insonoro. Depois, uma vez mais a pintura; aqui está Pranava. * Mas entre o coração e o Pranava existe um arco potente com flechas dispostas e fortemente retezado para seu emprego. Próximo há um tabernáculo, com o Pranava em cima, hermeticamente fechado, nenhuma chave, nenhum orifício para chave. Dos lados, emblemas de paixões humanas. A porta do tabernáculo se abre e penso eu que dentro vou contemplar a verdade. Não! Outra porta? Um tabernáculo outra vez... Também se abre e depois outro vê-se ali brilhando resplandescente. O mesmo que o coração, ele mesmo se converte em um comigo. Irresistível desejo de aproximar-me a ele, vem do meu interior e absorve a pintura inteiramente.

* A mística sílaba *om*.

"Rompe através do tabernáculo de Brahma; faz uso da doutrina do mestre." **

** Aparentemente, há nisto alguma referência aos Upanishads, porque neles há conselhos do mestre para romper através de todos os tabernáculos até que se chega ao último.

Não existe aqui nenhuma correção desta exortação com pessoa alguma e é muito provável que seja algo que foi dito por ele mesmo, em solilóquio, ou que lhe foi dito por alguma voz ou pessoa.

Devo terminar aqui, pois encontro grandes claros nas notas. Deve ter ele cessado de anotar mais coisas das que via ou fazia na sua vida real e interna e V. concordará certamente em que se ele tinha progredido naquele tempo, até o ponto em que as últimas porções parecem indicar, não era possível escrever-se nem suas reflexões, nem memorando nenhum de feitos. Contudo, não poderemos dizer nunca que razão teve para proceder assim. Podia ter-se-lhe dito que não o fizesse ou podia ter perdido a oportunidade de fazê-lo.

Existem muitas coisas, através destas páginas, que se referem à sua vida diária de família e que não interessam a V. Lembranças de conversações, assuntos mundanos, questões de dinheiro e de soldos, viagens e encontros com amigos. Mas estas páginas demonstram que, durante todo este tempo, vivia trabalhando e cumprindo com o seu dever entre os homens, frequentemente curvado pelos cuidados, consolado pela família e cheio de solicitude para com todos. Expus tudo o anterior, porque supus que interessaria a V. e procurei com descrição dar somente o que parece referir-se ao período marcado no começo, por suas visitas a M. ... e afinal esta última cena notável, cujos detalhes não podemos senão imaginar. Do mesmo modo, tem havido necessidade de omitir muito do que é suficientemente ininteligível no seu simbolismo, para estar seguro da revelação. Tratei honradamente de decifrá-lo, porque nada me

proibia e tudo quanto tenho podido deduzir da sua obscuridade, comuniquei a V.

Como ele diria, saudemos a outro e ao último tabernáculo de Brahma: *Om, hari, hom!*

ENSINAMENTOS DO MESTRE

I

A JORNADA

Permanecia o Mestre de pé, sobre uma grande cornija de rocha que se estendia ao longe, sobre um precipício que parecia ter muitas milhas de profundidade. Com a sua face iluminada pelos primeiros raios do dia nascente, que se lançavam por entre os cumes e com as mãos cruzadas atrás, esperava em silêncio a chegada do discípulo a quem tinha chamado. Um Irmão deitado sobre a rocha e não afastado da plataforma natural, sobre a qual permanecia, bondosamente punha em tela de juízo a possibilidade de uma tão longa viagem para um estudante tão débil; mas o Mestre esperava, atravessando a distância com o seu olhar penetrante. Seus olhos permaneciam intensamente fixos para a frente, sem dirigi-los nem para a direita nem para a esquerda, e quando, através do azul longínquo das nuvens, viu aproximar-se a alma que, com a sua vontade, para si mesmo tinha projetado, transmitiu seu pensamento ao Irmão, que reconheceu instantaneamente o visitante que se aproximava. A alma, cuja velocidade aumentava a cada momento, num abrir e fechar de olhos achou-se na presença do Mestre e, ante ele prostrada, pode articular tão somente: Mestre, Mestre!

O contato daquela mão pura acalmou as emoções terríveis do recém-chegado, que em atitude suplicante esperava as ordens do seu Guru amado. "Levanta-te, filho meu", pronunciaram os lábios do Mestre e, uma vez obedecido, prosseguiu:

"Teus progressos se acham detidos devido à tua indiferença ao dever. Não pode haver relação alguma entre nós, a não ser que desencarnes os teus desejos e espiritualizes cada um dos teus pensamentos. Encerra a estes quando andam vagabundos e vive para ensinar as lições com tanta frequência inculcadas em tua mente superior. Ajuda a teus semelhantes para que compreendam melhor as possibilidades do Ser interno e vivente.

"Por meio das leis conhecidas da atração e da repulsão, ilustra-lhes acerca da impossibilidade de uma vida elevada sobre a terra para ninguém mais que para as almas puras. Entre as naturezas puras e impuras, não pode existir alguma comunidade mútua de pensamento e a única possibilidade de progresso consiste em despojar-se das últimas, envolvendo ao mesmo real com a capa de pensamentos nobres. Ensina que a matéria é que é ilusória; que a vida é tão só uma visão transitória, vaidades terrenas que cegam os olhos do mundo.

Procura falar destas coisas secretas ao humilde e ao acabrunhado, que com frequência se acham dotados de uma sabedoria que não se acha entre as outras classes opostas. Diz-lhes que o Espírito possui aqui uma existência real, aqui sumido na matéria, que põe em exercício a filantropia absoluta, a bondade divina, o supremo sacrifício de si mesmo; que não conhece o poder que possui. Volta a teu dever com

novas forças. Permite à luz do sol que neste momento brota sobre os montes do Himalaia, que irradie através do teu espírito transparente. Bebe o orvalho da manhã e alimenta-te com o mel da sabedoria, que flui sobre tua Alma faminta. Assim adquirirás força para lutar no terreno da ação, onde, por tua debilidade, te vês obrigado a trabalhar. Assim é como escaparás do mesmo e encontrarás nas montanhas o repouso e a intuição, pelos quais anelas."

O Irmão, cuja forma tinha permanecido em atitude de repouso sobre a rocha, aproximou-se e, olhando fixamente o discípulo, arrebatado de delícia e de gratidão, disse com voz mais forte que seu amado Mestre:

"No país em que permanece o teu corpo, seguro de uma intrusão, que originaria tua absoluta separação do mesmo, um grande conflito está prestes a começar. Todos os preparativos preliminares já têm sido feitos. Um povo libertado de muitas cadeias, mergulhando-se no materialismo rapidamente, somente reconhecido em absoluto, quando algum impulso generoso move os indivíduos que o constituem, tem que se levantar ou cair com o fim deste século. A uma criança, tal como tu, lhe é revelado um fato não percebido por suas inteligências superiores. Volta ali a trabalhar! Obedece ao impulso de derrubar cada uma das barreiras, passa por cima dos subterfúgios, bons unicamente para a personalidade e lança-te na senda escabrosa, solitária e só. Quando chegue o tempo da maior necessidade, nós te daremos força e mandaremos aquele que consola, àqueles a quem o Carma conduz a se bater no mesmo campo. A força que sustém nossa Fraternidade te será comunicada durante tanto tempo quanto dure o combate pela raça; o vencido será tirado da sua situação miserável e oferecida a Luz do Logos a cada um dos que vagam na noite da terra, na vida sem bússola nem piloto."

Então reinou silêncio.

O Mestre amado, tocando a cabeça levantada daquele que falava, disse com acento suave: "Vai-te agora. Se me amas, guarda estes mandamentos."

AS LIÇÕES

A senda da sabedoria é a senda do dever. Não constituem caminhos separados, como muitos, erroneamente, supõem. Não logram, os homens, associar a sabedoria com o dever, antes os consideram como duas coisas separadas. O discípulo verifica a ação (dever), e, fazendo-o assim, encontra a sabedoria.

Em cada encarnação, não tem lugar mais que um nascimento, uma vida, uma morte. É uma loucura duplicá-los graças a persistentes queixas pelo passado, por covardia presente ou por medo do futuro. O tempo não existe; é o agora da eternidade o que o homem toma enganosamente pelo passado, pelo presente e pelo futuro.

O forjar cadeias terrenas constitui a ocupação do indiferente; o terrível dever de desatá-las por meio das angústias do coração é também ocupação sua. Ambas as coisas são sacrifícios próprios da loucura.

Assim como a consciência é interna, assim o é também a evidência da onipotência do espírito. A alma do homem é uma prova tangível, para seus sentidos corporais, de que ele é imortal. A existência da alma não é suscetível de prova a não ser no seu próprio plano.

Cede algo, sempre que se trate de fazer favor ao débil.

Aquele que morre de fome deve ter alimento apropriado para as limitações do sistema irritado, porém tu mantém-te firme no teu próprio posto de dever.

Liberta-te das más ações por meio das boas. O homem acostumado às ações, não pode converter-se em um Muni; deve trabalhar suas qualidades que o impulsionam à ação e assim as transforma ele em energias mais elevadas.

A Meditação é tão só um nome para o extraviado; a palavra não é compreendida até que o espírito faminto a traduz.

Combate a força desconhecida de teu interior: é o mal. O bem que existe em ti, se acha escrito fora e é aparente.

Pergunta ao estranho qual é o caminho terreno que buscas, mas pede ao teu Ser Superior a tocha que te iluminará durante a tua viagem. No silêncio da existência própria, arde a luz da vontade e da aspiração. Nenhum vento pode apagá-la, nem pode fundi-la calor algum. A chama é a qualidade do Espírito; é pura e sua temperatura é constante.

Não existe vacilação alguma na mente do iniciado. O conhecimento a meias é o tropeço do estudante.

Não corras sem objeto, de um lado para outro, dizendo: aqui, ali, está a luz: aqui, ali, está a verdade. A luz que ilumina, Atma, é incendiada nos cumes das montanhas. É o símbolo da verdade divina.

Espera a inspiração pela manhã, a direção ao meio dia e à tarde a compreensão plena do caminho que tens percorrido.

A natureza mais elevada do homem é invisível ou melhor é o Princípio Divino. A alma humana individual é universal; uma justa compreensão daquilo em que consiste a diferença e daquilo em que consiste a identidade entre os princípios 6.º e 7.º no homem, livrará o indivíduo de muitas confusões e conceitos falsos.

Existe uma filiação real, assim como também uma conexão oculta, entre os sete princípios no homem e as sete classes de minerais que se acham debaixo da terra. Existem verdades relacionadas com as propriedades destes últimos que pode o homem descobrir, aprendendo a constituição da sua própria natureza sextupla.

A lei dos princípios encarnados está em harmonia com os imãs. Não é isto também certo, no referente à natureza superior? Por meio de um coração puro e de um desenvolvimento devido à vontade, é como chamamos a atenção do Mahatma. Desde sua altura, ele contempla os vales e comunica aquele que luta, as faculdades que deve receber.

A agitação que procede das qualidades mortais, afeta unicamente o corpo físico; sua inquietude profunda não é sentida por Atma, porque Atma é Espírito, pura bem-aventurança. Mas o oceano de matéria, que inclui a alma, sente estas ondas de perturbação e assim é a alma enganada, imaginando ignorantemente que o espírito é afetado. Aprende a conhecer a distinção e certifica-te de que o espírito permanece

eternamente imperturbável.

A vida é um compromisso; apressa-te a livrar-te da dívida contraída em uma existência anterior e liberta-te da influência sufocante desta espera.

Quando voltares a entrar de novo no mundo dos mortais, procura fazê-lo sem os três obstáculos para a iluminação: o medo, a paixão e o egoísmo. O homem que venceu estes três obstáculos percorreu já a metade do mar dos renascimentos.

Carne para aquele que não pensa, vinho para o débil, porém devoção ao que venceu os apetites.

Ser senhor de si mesmo é carecer do sentimento do eu; é uma condição de tranquilidade perfeita.

Não olvides esta lição, a saber: que cada qual se acha colocado neste mundo de modo que manifeste suas piores qualidades. O objeto desta vida é reforçar os pontos débeis do homem espiritual. O fim da sua vida exterior é este unicamente, pelo que todos são vistos de um modo desvantajoso.

Uma criança pode dar uma lição de doçura; faz tão pouco tempo que chegou da sua região prévia de vida, que discorre com ares de estrangeiro num país desconhecido e como quem necessita de um guia.

A Caridade é a qualidade divina. Seja o que for que se tenha adquirido, o que resta ao espírito por adquirir na sua obra com a natureza inferior, é um coração contrito.

II

Descia a noite e o Mestre passeava nas margens do rio. No mesmo instante em que seu sinal foi reconhecido, se deteve. Apareceu um a seu lado, à maneira de uma criança, quase pegado às suas vestes. O Mestre lhe disse: "Quando tenhas obtido o domínio sobre os sentidos, já não vacilarão teus passos, nem será teu voo incerto. Realiza Atma, o Divino em teu interior. Realizo-o!" Repetiu; e levantando então lentamente a sua mão, aumentou a estatura da criança até que se manifestaram as proporções de um homem. Esta forma unicamente podia conter a alma em plena expansão. A alma livre de entraves percebe um mundo no qual em cada uma de suas pulsações e em cada uma de suas faculdades, reina a harmonia absoluta. Isto é divino. Esta é a condição verdadeira do homem à qual os Mahatmas têm chegado por completo, mas à qual todo o mundo é herdeiro. O Mahatma ensina com o pensamento inexpressível, mas formulado em sua própria mente e lançado com súbito poder às vossas. Chama com força ressonante à casa na qual se acha o espírito prisioneiro. Preso de uma grande agonia, o discípulo gritou:

"Mestre! Mestre! Tira-me deste estado com teu grande poder!" Respondeu-lhe o Mestre: "Faz que se rompam por meio da concentração da energia espiritual os laços que te mantêm sujeito." Não há pena capaz de descrever a força de pensamento do Mestre. Por um instante, pareceu possível; um medo mortal para fazer esforço, causou um momento de dúvida e passou o momento supremo. Tristemente contemplou o Mestre a seu discípulo cheio de angústia e tornou a ficar só.

O discípulo tinha voltado outra vez a lutar de novo, a cumprir com o seu dever, ainda que fosse necessário morrer.

A LIÇÃO

O discípulo vai ao Mestre sem condições. Vai, porém, para não voltar. Para ele são dispersadas as ilusões da matéria e daí em diante é um estrangeiro no mundo das ações, mesmo quando nele deva viver de novo.

Flamígero é o crisol da prova e grande é o perigo quando o neófito alcançou os "estados de exaltação". A cada um dos passos que dá, aguardam-no à espreita os inimigos do espírito, para destruir sua soberania e rechaçá-lo outra vez ao plano da matéria. Estes inimigos vivem na matéria e estão persuadidos de que sua existência permanece confinada nela; daí sua decisão em manter a matéria apartada do conhecimento do espírito. Sua segurança depende das trevas e do pecado, pois são filhos destas condições e cessarão de existir quando a lâmpada que arde no interior lance sua luz sobre o mundo.

As tentações obstruem o caminho daqueles que *pedem muito, sem merecer nem sequer um pouco*. Logo que o estudante se põe em contato com o oculto, encontra-se no umbral com os demônios que nele vagam; os demônios da concupiscência, da inconstância, da desconfiança e da covardia.

Deve o estudante encontrar em suas próprias intuições todas as provas necessárias para demonstrar a existência dos Mestres de Sabedoria nesta terra. Atrás do biombo dos sentidos repousa a alma do homem, fator insondável do universo, tão desconhecido para seu possuidor como para os que o observam. É a intuição seu único meio de comunicação e a linguagem da mesma é compreendida unicamente por aquele que possui os conhecimentos arcanos ou ocultismo.

Logo que o Mestre iniciou o seu discípulo, põe o selo do místico sobre seus lábios e ainda os cerra para evitar o perigo da debilidade ou da indiscrição.

É o sentimento do isolamento pessoal o que causa a morte; a genuína filantropia põe o indivíduo *em relação* com o Espírito Divino e lhe concede assim a vida eterna. Sendo o Espírito Divino onipenetrante, todos aqueles que por si mesmo se puseram em relação com ele, acham-se necessariamente relacionados com outras entidades que gozam das mesmas relações. Daí é que os Mahatmas permanecem em relação magnética e constante com todos aqueles que lograram libertar-se da natureza animal inferior. Por este meio é como os Mahatmas têm que ser conhecidos ante tudo.

Até que o Mestre te diga que vás a Ele, permanece com a humanidade e trabalha do modo mais altruístico em prol do seu progresso e adiantamento. Isto só pode ser causa da satisfação verdadeira.

Que é um Mahatma? É Seu corpo físico? Não: pois tem que parecer mais ou menos depressa, se bem que pode ser conservado durante um período que para nós resulta larguíssimo. Um Mahatma é aquele que vive em Sua individualidade mais elevada. E para o conhecer verdadeiramente deve-o ser por meio da individualidade na qual Ele permanece. O saber aumenta em proporção ao uso que fazemos dele mesmo; quanto mais ensinamos, tanto mais aprendemos. Portanto, busca a Verdade com a fé de uma criança e com a *vontade* de um Iniciado e dá parte da que possuis àquele que não possui a necessária para

o seu consolo durante a jornada. Um mero sussurro do mistério divino que chegue aos ouvidos de um caminhante exausto, borra em ti as manchas de muitas más ações cometidas durante tuas emigrações através da matéria.

Jamais a filosofia pode ser aprendida por meio de fenômenos. Trata de aniquilar o desejo pelos mesmos. A todos os estudantes de Ocultismo que existem no mundo lhes têm advertido seus Mestres que é um hábito que, satisfazendo-o, se desenvolve. Vale mais abandonar o estudo do que cair nos perigos da magia negra.

Que é o sentimento do Eu mesmo? Um hóspede passageiro, somente e tudo quanto com ele se relaciona à maneira do espelhismo do grande deserto. O homem é vítima daquilo que o rodeia enquanto vive na atmosfera da sociedade. Pode o Mahatma desejar favorecer-nos todo o possível e, entretanto, ser impotente para isso. A *vontade do neófito* tem que ser também o ímã que unicamente deve chamar a atenção do Mahatma. Segue suas atrações à maneira da agulha com seus polos. Vontade e pureza; eis aqui as qualidades que abrem o arcano à presença de um Adepto; a mera consideração entusiástica não produz nenhum efeito.

As almas débeis se contentam com meros desejos; as grandes possuem *vontades*.

Em cada homem permanecem ocultos os germens de faculdades que jamais se desenvolverão na terra e que não têm referência alguma com este plano de conhecimento.

Nenhum homem pode julgar a outro senão na medida do seu próprio discernimento; não prejudiques as tuas próprias possibilidades de desenvolvimento, condenando em outros a posse de faculdades que não conheces.

O pensamento se lança com maior rapidez que o fluido elétrico; cada aspiração resplandescente relampagueia e chama a atenção do Mestre distante, que sempre vela.

"Confia ao Senhor tua carga", confia no Ser Superior. Usa do corpo como de um meio para dar maior força à conexão com o espírito e para abrir caminho às suas descidas.

Mata a ambição; é um inimigo mortal e covarde, cujo poder sobre ti se acha aumentado pela provação dos demais.

É Carma quem te manda a este mundo, ao qual chegas só, no qual te deixa só e do qual tirar-te-á sozinho. A Lei de Carma é a lei da conservação da energia, tanto nos planos mortais como nos espirituais da natureza.

O corpo é o retrato da mente. O artista, ao contemplar suas discordâncias, deplora seu fracasso mas não sabe como remediá-lo. Isto é incumbência do espírito e uma vez isto verificado fica no exterior um reflexo verdadeiro da Alma interna.

O maná que alimenta o espírito, se oculta à vista. O Espírito Universal o proporciona.

O Dever é o rio que flui através da vida.

Suas ondas são argenteas para todos aqueles que nele permanecem, mas ameaçadoras para os que raramente a ele se aproximam.

Trata de recobrar tua própria alma. É o tesouro escondido, perdido nas cavernas dos sentidos.

Seu resgate é a redenção de muitos renascimentos.

Em vão o arrogante reclama nossa compaixão; o débil e o extraviado nossa indulgência; nossa simpatia o indiferente e tão só o sábio nossa admiração.

Aprendeste de Krishna que é preferível a morte a desempenhar o dever de outro.

Por perseverar na ideia errônea de que nos incumbem a nós deveres alheios, resultam misérias que nos seguem através de muitas vidas.

Tua percepção do mesmo interno é mais clara que a visão do olho natural.

Observa ardentemente o plano no qual buscas a verdade; não esperes conseguir o conhecimento da alma através das avenidas dos sentidos.

Carma é à maneira da cepa, que aumenta em robustez no decorrer dos anos, sem interrupção e que se adere tão fortemente com seus sarmentos que resulta tão forte como a própria armação à qual se aderiu. Pode-se destruir cortando seus brotos, mas estes se renovam em outras formas de vida; a armação fica livre uma vez destruída a raiz.

Os maus pensamentos corroem o caráter. Unicamente o espírito possui poder sobre o caráter para purificá-lo.

Os efeitos acumulados de muitas vidas, nós levamos conosco de uma a outra. Esta é a chave para compreender a imparcialidade perfeita da natureza.

A injustiça aparente dos diversos estados de bem-estar ficam explicados pelo fato de termos conhecido estados anteriores de existência. Cada esforço espiritual feito agora, produzirá suas consequências agora mesmo e também na encarnação próxima.

A chave para muitos dos grandes mistérios da vida, há de ser procurada na reencarnação; é a única solução possível para os enigmas da existência.

A regra do Mahatma é aproximar-se a cada um, em cujo interior brilha, embora com o mais débil fulgor, o mais rápido vislumbre da Luz verdadeira. A nenhum dos que desejam ser socorridos se lhe permite que pareça.

A história do nosso desejo pelo desenvolvimento espiritual a escrevemos durante o dia com cada uma de nossas aspirações da verdade, com nossos pensamentos e ações e, durante a noite, com as lutas da nossa alma.

Nas páginas do livro de Carma, escritos estão, até em seus detalhes mais insignificantes, nossos esforços individuais; quando a débil vontade seja já suficientemente enérgica para impedir mais renascimentos neste mundo, no qual o espírito vive sonhando, encontraremos na Existência Real, todos os capítulos que tenhamos escrito durante todas as nossas transições. Então, unicamente seremos capazes de ler o livro inteiro, desde o princípio até o fim e poderemos conhecer a natureza da longa jornada desde o espírito à matéria, para voltar de novo ao Todo.

O conflito da intuição contra a inteligência tem coberto a humanidade com as ruínas da desesperação. Jamais se renderá o homem a consentir ser o veículo permanente de nenhuma classe de ideias, a não ser que satisfaçam, por completo, à totalidade da sua natureza; a união, tão só, da inteligência e da intuição, terminará o conflito.

Colhe o que puderes dos ensinamentos e, ao desenvolver a devoção, mantém, diante de ti, teu próprio exemplo.

O MESTRE.